



Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Educação de Portalegre

O JOGO E A EXPRESSÃO DRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO
PRÉ-ESCOLAR
“QUE IMPORTÂNCIA EM CONTEXTO EDUCATIVO?”

Relatório Final-Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar

Mestrado em Educação Pré-Escolar

Catarina Lopes Barros Ferreira

Orientador: Professor Doutor Avelino Bento

Dezembro de 2012



Instituto Politécnico de Portalegre
Escola Superior de Educação de Portalegre

O JOGO E A EXPRESSÃO DRAMÁTICA NA EDUCAÇÃO
PRÉ-ESCOLAR

“QUE IMPORTÂNCIA EM CONTEXTO EDUCATIVO?”

Relatório Final-Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar

Apresentado para a conclusão do Mestrado em Educação Pré-Escolar sob a orientação científica do Professor Doutor Avelino Bento

Catarina Lopes Barros Ferreira

Dezembro de 2012

“O jogo é para o homem
um casulo do qual emanam
todas as suas atividades”.
(Froebel1859:65)

RESUMO

O presente relatório foi realizado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada do curso de Mestrado Profissionalizante em Educação Pré-Escolar, tendo como tema final “O Jogo e a Expressão Dramática na Educação Pré-Escolar. Que importância em contexto educativo?”

Pretendo com este relatório refletir sobre a prática do Jogo e da Expressão Dramática no jardim de infância, porquanto é consensual que o jogo e a prática da Expressão Dramática promovem o desenvolvimento da criança. Neste sentido, procurei conhecer e aprofundar este tema, mais propriamente, a sua prática em jardim de infância e a importância no mesmo. Este tema foi desenvolvido no segundo semestre, durante a prática pedagógica, com a execução de várias atividades envolvendo as crianças, ao mesmo tempo que iniciava um percurso de investigação.

A metodologia utilizada neste relatório foi, portanto, a investigação-ação, envolvendo métodos de recolha de dados através: da observação direta, das notas de campo, dos registos fotográficos e dos diálogos e questionários à Educadora Titular e aos Encarregados de Educação.

Este relatório ainda comporta o enquadramento teórico, a metodologia adotada, a contextualização da ação e a descrição das atividades práticas postas em ação no Jardim de Infância.

Palavras-chave: Educação Pré-Escolar, O jogo, A Expressão Dramática, Atividade lúdica, Intervenção Educativa.

ABSTRACT

This report was accomplished within the course of Supervised Teaching Practice integrated in Professional Preschool Education Masters, with the final theme: "The Game and Drama in Preschool Education. How important? ".

I intend with this report reflect on the practice of Game and Drama in kindergarten, because it is generally agreed that they promote child development. In this sense, I tried to understand and explore this theme, specifically on their practice in kindergarten and about his importance. This theme was developed during the pedagogical practice in the second semester, with the implementation of various activities with the children and their investigations.

The methodology used in this report was the action inquiry and methods of data collection through: direct observation, field notes, photographic records, dialogues and questionnaires to the responsible Educator and to the legal Guardians of the children. This report also includes the theoretical framework, the methodology adopted, the contextualization of action and description of practical activities put into action in Kindergarten.

Keywords: *Preschool Education, The Game, The Drama, Playful Activity, Educational Intervention.*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar por agradecer a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, através das suas palavras de encorajamento, contribuíram para que terminasse o mestrado.

À minha família, em particular à minha Avó e Mãe. Sem elas não teria sido possível chegar onde cheguei. Um muito obrigado à minha avó pelo amor incondicional que sempre me deu.

Ao meu namorado pelo apoio e disponibilidade.

Ao meu orientador, Professor Doutor Avelino Bento, pela disponibilidade e prontidão com que sempre me respondeu e ajudou.

Às minhas colegas e amigas Raquel Cruz e Ana Fitas pela amizade e apoio que sempre me deram.

Finalmente às Professoras Doutoradas Amélia Marchão e Teresa Mendes, pelas palavras de encorajamento até aos últimos meses de mestrado.

SIGLAS E ABREVIATURAS

DEB: Departamento da Educação Básica

DQP: Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias

ECERS: Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância

J.I: Jardim de Infância

EB1: Escola Básica do 1º ciclo

I.A: Investigação Ação

ExDra: Expressão Dramática

OCEPE: Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar

PES: Prática de Ensino Supervisionada

PIS: Prática e Intervenção Supervisionada

ABREVIATURAS

E.D.E: Educadora de Infância Estagiária

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO.....	11
PARTE A: ENQUADRAMENTO TEÓRICO	13
1.1 CAPÍTULO I-A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: PRINCIPAIS ASPETOS..	14
1.1.1 A importância da Expressão Dramática no Jardim de Infância.....	16
1.1.2 O Jogo no desenvolvimento da criança	19
1.1.3 Conteúdos da Expressão Dramática na Educação Pré-Escolar	22
PARTE B: METODOLOGIA	29
2.1 CAPÍTULO II- MODO DE ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DA PRÁTICA	30
2.1.1 Problemática/Questões de investigação	30
2.1.2 Objetivos do estudo.....	32
2.1.3 Metodologia através da prática de investigação-ação.....	32
2.1.4 Instrumentos de recolha de dados	35
3.1.1 Análise das informações recolhidas: questionários, observação direta.....	38
3.1.2 Observações, desenvolvimento e reflexões das atividades “O Jogo e a Expressão Dramática”	42
3.1.3 Breve conclusão sobre os dados obtidos	51
PARTE C: A PRÁTICA PROFISSIONAL	53
4.1 CAPÍTULO IV-CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL	54
4.1.1 O contexto educativo.....	54
PARTE D: REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA SUPERVISIONADA	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS	73
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75
ANEXOS	81

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Atividade do jogo simbólico: “Área do Médico”	25
Ilustração 2: “O faz-de-conta na casinha”	44
Ilustração 3: “Os fantoches”	46
Ilustração 4: “Dramatização “O Cuquedo”	46
Ilustração 5: Mímica: “Jogo das profissões”	47
Ilustração 6: Explicação da atividade da sombras	50
Ilustração 7: Teatro das sombras	51
Ilustração 8: Área da Expressão Plástica	58
Ilustração 9: Área da Matemática	58
Ilustração 10: Área da garagem e construções	59
Ilustração 11: Área dos Jogos	59
Ilustração 12: Área da casinha	60
Ilustração 13: Biblioteca	60
Ilustração 14: Médico	61
Ilustração 15: Área do computador	61
Ilustração 16: Planta da sala	62

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1: Apresentação e descrição dos instrumentos de recolha de dados.....	36
Tabela 2: Número de crianças e adultos no estabelecimento	56
Tabela 3: Horários das pessoas que trabalham no Jardim de Infância	56
Tabela 4: Número de crianças por idades, sexo e anos de frequência.....	66

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Género dos encarregados de educação inquiridos.....	40
Gráfico 2: Habilitações académicas dos encarregados de educação inquiridos	40
Gráfico 3: Representativo dos encarregados de educação que assistiu à prática de atividades de expressão dramática na sala.....	41
Gráfico 4: Número de encarregados de educação que deixaria o seu educando participar num clube de teatro.....	41

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo 1: Questionário para Educadoras	82
Anexo 2: Questionário para Encarregados de Educação	85

INTRODUÇÃO

O presente relatório enquadra-se no âmbito da Unidade Curricular de Prática e Ensino Supervisionada, realizado em contexto de Jardim de Infância de rede pública da cidade de Portalegre, com um grupo de vinte cinco crianças.

O tema do presente relatório emergiu de um interesse pessoal sobre a prática do Jogo e da Expressão Dramática no jardim de infância, porquanto durante a Observação e Cooperação, Unidade Curricular efetuada no 1º semestre, verifiquei que a área da Expressão Dramática era um pouco descurada. Pareceu-me, por isso, indispensável tentar investigar e criar atividades que suscitassem o interesse nas crianças.

Atualmente, as crianças passam maioritariamente o seu tempo no jardim de infância realizando atividades de caráter bastante “escolarizado”. Começou-se a dar muito ênfase às áreas do domínio da Matemática e do Português e as áreas das Expressões passaram para segundo plano. Assim, é urgente que os Educadores lhes proporcionem momentos lúdicos onde possam brincar sem ter tempo estipulado.

A atividade lúdica permite estabelecer uma ligação entre as crianças, ao mesmo tempo que é um auxiliar na construção da relação com os outros e com o meio. Possuidora de um papel fulcral no desenvolvimento emocional, cognitivo e social, permite a estimulação da criatividade, do desenvolvimento da autonomia e da linguagem, assim como nos papéis sociais. Através do ato de brincar, a criança vai-se familiarizando com regras sociais, ao mesmo tempo que tem contato com experiências novas (exploração, pesquisa, experimentação e aprendizagem) que se encontram presente em situações imaginárias. Brincar, permite que a criança se mantenha ativa, que desenvolva a personalidade e competências sociais, ajudando-a a lidar com emoções e sentimentos. Desta forma, brincar possibilita: brincar ao faz de conta, dramatizando experiências do dia a dia, descarregando tensões, como por exemplo, a dor e o desconforto; pesquisar, descobrir e adquirir competências de autonomia. E, fundamentalmente, divertir-se. Entende-se que “o brincar” na educação pré-escolar tem a função de desenvolver o imaginário e as fantasias de forma natural.

Para Kishimoto, (2008:72) “ *O Educador proporciona a atividade lúdica à criança, o mesmo estará construindo um espaço de narrativa e de experiências, estabelecendo uma relação com a linguagem, a cultura e a história e auxilia o sujeito a*

pensar construindo as suas práticas e conhecimento. Aprender, descobrir e construir fazem parte deste progresso”. Formosinho (2007:27) afirma, “ *Para se criar uma pedagogia infantil ativa, necessita-se de criar um quotidiano educativo que intitula a criança como uma pessoa com agência, que constrói saberes e cultura, que participa como pessoa cidadã*”. Segundo Louis Torelli e Charles Durrel (1998) “*Os centros de educação infantil devem proporcionar às crianças ambientes bonitos que apoiem o jogo centrado na criança, iniciada pela criança e facilitado pelo educador*”, assim como os educadores merecem ambientes de trabalho altamente funcionais, fáceis de utilizar e esteticamente atraentes.

Desta forma, o Relatório focalizou-se no objetivo de proporcionar atividades motivadoras ao nível da formação pessoal e social da criança, em articulação com outras áreas de conteúdo.

O Relatório encontra-se estruturado em quatro partes (A, B, C e D) e cinco capítulos principais. A Parte A - Enquadramento Teórico integra o primeiro capítulo onde são abordados teoricamente algumas aspetos gerais da Expressão Dramática na Educação Pré-Escolar, como a importância da Expressão Dramática no jardim de infância, os aspetos gerais sobre o corpo e o movimento no desenvolvimento da criança e alguns conteúdos da Expressão Dramática. Mas também o jogo de imitação, o jogo simbólico, o jogo dramático e os fantoches.

A Parte B - Metodologia integra o segundo e terceiro capítulos. Neles apresento a metodologia que adotei para a realização do presente relatório, enunciando a problemática que serviu como ponto de partida para a investigação-ação realizada ao longo do Estágio, assim como descrevo as diferentes atividades que dinamizei. Terminos estes capítulos com o tratamento, análise e interpretação dos dados, assim como apresento uma breve conclusão sobre os dados obtidos.

No quarto capítulo componho uma breve contextualização da prática, através da caracterização do meio, da instituição educativa, assim como da equipa educativa. Ainda neste capítulo caracterizo o grupo de crianças. Todas estas informações foram fornecidas pela Educadora titular para a concretização de um trabalho e pesquisa mais pormenorizada.

No quinto capítulo descrevo toda a ação educativa que vivenciei no jardim de infância. Para concluir, exponho as considerações finais, onde refiro os aspetos mais relevantes da minha prática educativa, as diferentes referências bibliográficas e vários suportes que serviram para a construção deste relatório final de curso.

PARTE A: ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 CAPÍTULO I-A EDUCAÇÃO PRÉ-ESCOLAR: PRINCIPAIS ASPETOS

A Educação Pré-escolar em Portugal, nos últimos quinze anos, viveu mudanças profundas, quer no âmbito da formação dos Educadores de Infância quer no âmbito da sua posição a nível do currículo.

Considera-se o ano de 1997 como um momento de rutura na Educação Pré-Escolar. Implementou-se uma rede nacional de estabelecimentos de Jardins de Infância, ao mesmo tempo que se estabelecia a orientação oficial sobre as características físicas dos Jardins de Infância quer na qualidade estética, quer nos recursos múltiplos e materiais naturais. Desta forma garantiu-se a igualdade de acesso à educação a todas as crianças, (Decreto-Lei 147/97), assumindo-se a necessidade de cada uma usufruir de um desenvolvimento social e pessoal equilibrado. Ainda em 1997 foram apresentadas as *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* enfatizando a necessidade de “medidas que garantam o controlo e a qualidade nas nossas escolas” (Katz; Ruivo; Silva, Vasconcelos, 1998:114).

O documento *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar* (Ministério da Educação, 1997) tem por finalidade constituir-se como “apoio para uma educação que se desenvolve ao longo da vida” (Ministério da Educação, 1997:7). Neste documento defendem-se os fundamentos como indissociáveis do desenvolvimento da aprendizagem, do reconhecimento da criança como sujeito do processo educativo, da articulação das diferentes áreas do saber e a diversidade e cooperação (Ministério da Educação, 1997).

Defende-se, portanto, que o desenvolvimento curricular, cujo principal ator é o educador, deve ter em consideração os objetivos gerais da educação, a organização do ambiente educativo, a continuidade e a intencionalidade educativas, assim como as áreas de conteúdo (Ministério da Educação, 1997). Consideradas como fundamentais na organização de contextos e oportunidades de aprendizagem, estas áreas de conteúdo encontram-se organizadas em três grandes blocos: Formação Pessoal e Social; Conhecimento do Mundo e Expressão/Comunicação.

Algumas destas medidas, assumidas, surgiram como ponto de partida para outras. Entre elas destaca-se, em 2001, a exigência do grau académico superior para todos os Educadores de Infância. O governo fez publicar o Perfil Geral (Decreto-Lei 240/2001) e os Perfis Específicos para os Educadores de Infância e os Professores do 1º ciclo do

ensino básico, (Decreto-Lei nº 241/2001), estabelecendo as competências que um profissional da educação deve possuir.

Perante algumas alterações e ajustes, a Educação Pré-Escolar foi oficialmente definida como lugar de desenvolvimento de atitudes/valores e de aprendizagem da linguagem, de expressão artística e de conhecimento geral do mundo.

Atualmente não se questiona a importância da Educação Pré-escolar no desenvolvimento e aprendizagem das crianças e no contributo para o seu sucesso escolar. A preparação de uma transição sem ruturas entre o nível pré-escolar e a escolaridade básica, com a criação de condições favoráveis para uma igualdade de oportunidades, leva à sua inclusão como uma primeira e fundamental etapa da educação.

Esta circunstâncias leva a que o jardim de infância seja considerado um estabelecimento de educação que presta serviços orientados para o desenvolvimento e a aprendizagem da criança e que lhe proporciona atividades educativas e atividades complementares de apoio à família.

A Lei-Quadro da Educação Pré-Escolar (Lei nº 5/97, 10 de Fevereiro) consagra o ordenamento jurídico da educação pré-escolar e estabelece o seguinte:

“A educação pré-escolar é a primeira etapa da educação básica no processo de educação ao longo da vida, sendo complementar da ação educativa da família, com a qual deve estabelecer estreita cooperação, favorecendo a formação e o desenvolvimento equilibrado da criança, tendo em vista a sua plena inserção na sociedade como ser autónomo, livre e solidário.” (Capítulo II, artigo 2º).

Segundo as Orientações Curriculares a concretização prática dos objetivos da educação pré-escolar faz-se pelo desenvolvimento de experiências e atividades com as crianças nos jardins de infância. Essas atividades organizam-se em áreas de conteúdo, de forma a evidenciar dimensões da aprendizagem e facilitar a ação integrada dos educadores.

É do nosso conhecimento que a criação de possibilidades e oportunidades na infância é um caminho precioso para o futuro da criança enquanto sujeito pleno da sociedade. É de fundamental importância destacar a definição defendida pelo Ministério da Educação (1995:7)

“O jardim de infância é o espaço entre a família e a escola, é o local privilegiado para a realização da educação pré-escolar. É um espaço educativo pensado e organizado em função da criança e adequando às atividades que nele se desenvolvem. O jardim de infância

oferece condições que permitem à criança descobrir e relacionar-se com o mundo à sua volta”.

1.1.1 A importância da Expressão Dramática no Jardim de Infância

O porquê da Expressão Dramática

As atividades de expressão e comunicação dramáticas têm conhecido um desenvolvimento gradual autónomo e intrínseco na prática dos Educadores de Infância, que as tornam decisivas e terminantes ao conhecimento, à revelação e ao desenvolvimento da criança. Estas atividades permitem a manifestação da existência e a criatividade individuais, e o desenvolvimento da comunicação com os outros.

Tal como afirma Herbert Read (1942), citado por Alberto B. Sousa (2003:20)

“A Expressão Dramática é um dos melhores métodos educativos, a Expressão Dramática vai sucessivamente ganhado um ênfase nas suas características expressivas”. (...) é fundamental em todos os estádios da educação. Considero-a mesmo como uma das melhores atividades, pois que consegue compreender e coordenar todas as outras formas de educação pela arte”.

Neste artigo, o autor prossegue a sua reflexão relacionando os vários aspetos intrínsecos na Expressão Dramática, salientando que a mesma é uma atividade completa e integradora de várias atividades artísticas.

No que diz respeito às finalidades educativas da Expressão Dramática (ExDra) no ensino pré-escolar, estas estão inseridas nas necessidades psicopedagógicas e no contexto de novas práticas educativas com especial incidência na formação global da criança. A ExDra integra, assim, uma pedagogia que valoriza a educação sócia afetiva. Um dos seus principais objetivos no jardim de infância é o desenvolvimento da criança e não o seu êxito artístico, sendo de extrema importância a fomentação e criação de práticas educativas corretas por parte dos Educadores, com diversos e variados exercícios significativos para as mesmas.

Tendo como principais objetivos o seu desenvolvimento num meio associativo ou no meio escolar, a ExDra é uma pedagogia que pode ajudar a construir ligações entre a arte e o ensino, favorecendo a confiança nas crianças, a atividade lúdica que, por si, permite uma aprendizagem global cognitiva, afetiva, sensorial, motora e estética.

Na educação pré-escolar, o jogo e a prática de conteúdos de Expressão Dramática podem constituir-se recursos para promover a articulação de outros conteúdos na prática pedagógica dos Educadores no desenvolvimento e aprendizagens nas crianças.

Segundo Alberto B. Sousa (2003:33)

“ A Expressão Dramática é um dos meios mais valiosos e completos de educação. A amplitude da sua ação, abrangendo quase todos os aspetos importantes do desenvolvimento da criança e a grande diversificação de formas que pode tomar, podendo ser regulada conforme os objetivos, as idades e os meios de que se dispõe, tornam-na por excelência a principal forma de atividade educativa, o objetivo principal desta forma de educação é a expressão, ou seja, estimular a criança para que expresse livremente todos os seus sentimentos, desejos tensões interiores”.

Assim, podemos definir Expressão Dramática como uma necessidade constante que o sujeito tem em exprimir-se, através da expressão e comunicação, uma vez que, existe a mesma quando alguém se exprime por gestos ou palavras. “ Se para a criança a ExDra é a ocasião de fazer, para o Educador é um meio para que a criança o faça”. Será então através da Expressão Dramática a criança aprende, criando o seu próprio processo de aprendizagem. Esta é uma técnica que é só possível concretizar, partindo dos temas e dos jogos vividos pela realidade da criança, facilitando uma tomada de consciência das relações que esta mantém com o mundo. É pois uma expressão que tem como objetivo principal estimular a criança para que possa expressar livremente todos os seus sentimentos e “tensões”. Jenger, (1975) citado por Isabel Costa (1986:17).

Para Alberto B. Sousa (2003:34) *“Uma criança que não brinque, será um ser deficiente, pois é através do jogo que se forma a inteligência e que se processa todo o apoio necessário a um desenvolvimento equilibrado da personalidade”.*

Segundo Pemberton Billing (1975) *“A expressão dramática é um meio através do qual a criança pode, duma forma criativa, dar livre curso às ideias. Desenvolve as ideias e os conflitos segundo a sua própria experiência. As crianças inventam para descobrir. E é nas suas improvisações dramáticas que elas experimentam a vida.”*

Considero, por isso, que a Expressão Dramática é uma área de conteúdo que tem de ser encarada com o objetivo de educar e ajudar as crianças a construir as suas aprendizagens.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) relativas ao domínio da Expressão Dramática, considera esta como um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o outro e que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais.

Neste sentido a expressão dramática auxilia as crianças na relação consigo própria, “experimentando” e estimulando várias capacidades intrínsecas com os outros e com o mundo que as rodeia. Para H. Read, (1943) citado por Alberto B. Sousa (2003:20) *“A expressão dramática é fundamental em todos os estádios da educação. É uma das melhores atividades, pois, consegue compreender e coordenar todas as outras formas de educação pela arte.”* Através da expressão, o Educador propõe atividades de variados conteúdos realizado através de diversos jogos.

Leon Chancerel (1936) citado por Alberto Sousa (2003:25) distingue que o teatro com crianças deve ser baseado no jogo do faz de conta, sendo este um método essencialmente educativo.

“ O papel dos educadores é fomentar nas crianças o estado de criação dramática. Nos mais simples jogos dramáticos concebidos numa sala sem público. O educador tem dois grandes objetivos a atingir: proporcionar às crianças os meios de expressão mais completos possíveis e formar ao mesmo tempo o seu senso artístico, o seu senso social, o seu caráter”.

Concluímos, por isso, que a expressão dramática é um dos mais valiosos complementos da educação, porque abrange quase todos os aspetos fundamentais do desenvolvimento da criança. Pela sua diversificação, pode ser transformada conforme os seus principais objetivos, as diferentes idades e pelos meios que se dispõe.

Relativamente ao papel da ExDra na relação e desenvolvimento da criança, ajuda-a no desenvolvimento bio-psico-sócio-motor pondo em jogo a sua expressividade, a sua criatividade. Na sua relação com a função social, as atividades de expressão dramática em grupo envolvem a cooperação de todos os membros com o intuito de conseguirem alcançar os seus objetivos.

Segundo a análise de diferentes autores A. Sousa (1979) Burton (1977), a expressão dramática contém as seguintes características:

“A expressão dramática processa-se através do imaginário; as raízes da expressão dramática estão no jogo do faz de conta”; “ A expressão dramática pode ser realizada individualmente pelas crianças”; “ A expressão dramática é uma atividade educativa”.

Devemos acrescentar ainda, segundo Barret (1991:12)

“Que a ExDra é uma prática que põe em ação a totalidade da pessoa e da criança, no espaço-tempo e no grupo, uma prática em atelier que tanto solicita o físico como a afetividade ou o intelecto, que recorre a todas as formas de expressão alteradas cruzadas ou integradas”.

A experiência dramática proporciona o aparecimento desses contextos de aprendizagem integrada, porque, embora ficcionais, são contextos criados pelas crianças e, por isso mesmo, centrados nos seus próprios interesses, transformando a aprendizagem em momentos autênticos de descoberta. As crianças, ao colocarem-se em personagem, numa determinada situação, podem percorrer com ela várias áreas do conhecimento até solucionarem o problema ou problemas dessa mesma personagem, sempre numa moldura interativa com outras personagens”.

Avelino Bento et all. (1986:35) conduz-nos a uma reflexão sobre o contributo da Psicologia para o entendimento da importância da Expressão Dramática no desenvolvimento das crianças no Ensino Básico. Diz-nos que, neste contexto, a Expressão Dramática surge:

“ Não como uma filosofia, mas verbo e ação; não uma teoria de abstrações mas concretização. De todas as expressões, é aquela que mais corresponde a uma globalidade do ser, a que mais se desenvolve a partir do “fluxo da vida”, isto é aquela que mais se aproxima de um organismo vivo”.

No artigo citado, o autor reflete sobre aspetos intrínsecos da Expressão Dramática. A concretização através do jogo simbólico, do corpo e do movimento são essenciais para o crescimento pleno da criança.

1.1.2 O Jogo no desenvolvimento da criança

Ao pensar no conceito de jogo devemos refletir na sua importância e potencialidades para o desenvolvimento cognitivo nas crianças. Várias investigações indicam que o jogo promove o desenvolvimento na criança, proporcionando-lhes o desenvolvimento cognitivo nas suas diferentes variantes: na descoberta, na capacidade verbal, nas habilidades manipulativas e na capacidade de processar informações.

Podemos considerar o jogo como uma necessidade. Este contribui para uma melhoria do desempenho motor e para o conhecimento das próprias possibilidades físicas e do seu esquema corporal. O jogo, para além de uma necessidade, é um meio de expressão que favorece o desenvolvimento intelectual e ajuda na definição das estruturas mentais. Um prazer que facilita o desenvolvimento social, e uma motivação que permite o seu desenvolvimento afetivo e a formação enquanto sujeito.

Como indica Piaget (1951) *“O jogo, por si só é responsável por facilitar o processo da construção da identidade e da sociabilização. Como tal, o jogar tem funções educativas, sociais e culturais. O jogo deve ser libertador da rotina e da obrigação, ou seja, “permite ao individuo realizar o seu “eu”.*

É consensual que aprender de forma lúdica será a forma mais correta de se melhorar a aprendizagem. O jogo, em si, possui duas funções: a função lúdica e a função educativa. Pode constatar-se que a função lúdica é aquela em que se encontra a diversão e o prazer. Na função educativa constata-se que o jogo contribui para a formação e desenvolvimento integral da criança.

Segundo Claparède (1946:179)

“O jogo é o trabalho, o bem, o dever, o ideal da vida. A criança é um ser que joga e nada mais. Perguntar a uma criança porque joga é perguntar porque é criança; A infância serve para jogar e para imitar”.

É de extrema importância que a criança tenha tempo para jogar e brincar. É nestas situações que se as crianças desenvolvem e aprendem. O jogo é para a criança o seu meio privilegiado de expressão. Quando se observa uma criança a jogar, verifica-se que toda a sua atenção se concentra no jogo, sendo que não é para se divertir que a criança se entrega à atividade lúdica, é para compreender o que a rodeia.

Diversos autores referem que o jogo espontâneo e natural da criança contém os elementos necessários para a sua educação. Com efeito, Dewey, (1979:22) refere que *“um número indeterminado de atividades espontâneas da criança, por exemplo, os jogos, as brincadeiras, as mímicas, são potenciais de utilização educativa e constituem os pilares dos métodos pedagógicos”.*

Verificamos que a ideia de aprendizagem pelo jogo não é recente. Platão já colocava em prática essa hipótese *“ Deixem que as lições dos vossos filhos tomem a forma de jogo... isto também os ajudará a ver quais as suas aptidões naturais”.*

Para (Froebel 1859),(Claparède 1954) e (Dewey 1976) organizaram, de forma científica, os benefícios de uma aprendizagem através do jogo. Segundo (Froebel 1859:23) “*O jogo é um jardim onde florescem todas as atividades do homem...É pelo jogo que o mundo é descoberto e conquistado*”.(Vygotsky 1985), “*O jogo é a fonte condutora do desenvolvimento, valoriza os acontecimentos sociais e realça a importância do jogo como o motor do desenvolvimento, mediatizado pelo adulto e pela estrutura social onde a criança integra*”.

(Winnicott 1975) afirmava que “ *Aquele que brinca, criança ou adulto, só quando brinca é que é livre de se mostrar criativo e de utilizar a sua personalidade por inteiro.*” É, no entanto, Piaget que mostra o desenvolvimento da atividade simbólica e melhor estabelece as categoriais do jogo, interligando-as com educação e com evolução do ser humano. O jogo funciona, para a criança, como um processo de compreensão do mundo em que vive, através do movimento mental de assimilação/acomodação.

Em todas as teorias do jogo encontramos o motivo pelo qual a criança joga em situações do quotidiano, desempenha papéis, imagina ações e inventa espaços, cenários e adereços. As crianças representam situações do quotidiano. Com efeito, no jogo dramático, a criança reproduz a realidade tal como a vê, mas ao jogar papéis e situações da realidade altera a forma como vê essa mesma realidade.

Para Saint-Jacques, (1986:24) “*nas atividades dramáticas, a pessoa joga uma personagem e uma fábula-conto, ação, história que a reenviam a si mesma e à percepção que tem da realidade como se fosse um duplo.*”

Atualmente é consensual que brincar tem um lugar privilegiado nos meios de expressão da criança, não se podendo considerar que brincar é apenas um passatempo ou uma diversão. É uma aprendizagem. Segundo Solé Maria (1992:13)

“ (...) *Brincar é a atividade preferida da criança. É através do brincar que aprende a conhecer o próprio corpo e as suas capacidades, a desenvolver a sua personalidade e uma forma de encontrar um lugar na sociedade. O jogo permite à criança encontrar-se com a realidade. Jogar e brincar é a forma de a criança se integrar e se desenvolver*”.

Para Sanvisens, Alexandre (1976:87) afirma,

“ (...) *Os jogos contribuem para o desenvolvimento, a ação, a decisão, a interpretação e para a socialização da criança. Os jogos de regras iniciam-se na organização e na disciplina ao mesmo tempo que ajudam a submeter os próprios interesses à vontade geral. A partir do*

jogo em grupo a criança aprende a ser ela própria, a ser um indivíduo, a ver que também existem os outros e a respeitar a sua personalidade”.

Jogar é fundamental na vida das crianças e deve exercer-se espontaneamente, podendo ser orientado por um educador. Cabe ao educador ajudar a desenvolver na criança a capacidade de se conhecer a si própria e adaptar-se continuamente ao mundo.

1.1.3 Conteúdos da Expressão Dramática na Educação Pré-Escolar

O jogo de imitação

Tendo em conta que o jogo de imitação se desenvolve até aos sete anos de idade, é muito comum recorrer-se a este tipo de jogo na educação pré-escolar. É utilizado pela criança como forma de exteriorizar a sua visão da vida quotidiana, o que vive na “vida real”.

Para Wallon, (1964) citado por Avelino Bento (1987:27)

“ (...) Porque por meio da imitação os circuitos sensório-motores e perceptivo-motores vão despertando, organizando e organizando-se como estrutura-nervosa em movimento, em formação e acabamento e cuja expressão concreta e material se traduz à vista e na prática.”

“ A criança repete, nos seus jogos, as impressões que acaba de viver. Reproduz e imita. Para as mais novas, a imitação é a regra dos jogos, a única que lhes é acessível, enquanto não puderem ultrapassar o modelo concreto, para atingir a ordem abstrata”.

É através de rituais que os jogos de imitação se manifestam na criança. A utilização, e a transformação imaginária, de um objeto, são estímulos à capacidade de recriar ou inventar personagens. A imitação conduz a criança à socialização, porque tem necessidade de imitar os gestos e as expressões.

A imitação é a reprodução simples de um modelo ou de um fenómeno qualquer. Na idade escolar as imitações constituem parte fundamental dos seus jogos e estão subordinadas a regras.

Para P. Guillaume (1968), “ *A imitação não é um mecanismo hereditário, que nasce com a criança, mas uma capacidade que é aprendida. O que é hereditário é a tendência para a imitação*”. Segundo o autor, a imitação já vem da criança, ela consegue imitar situações porque tem predisposição para tal.

Por outro lado, para J. Piaget (1964:62), “ *a imitação é o ato pelo qual um modelo é reproduzido o que em nada implica a representação desse modelo, porquanto pode ser simplesmente percebido*”. Para o autor a criança faz uma imitação diferida, ou seja, consegue perceber o que viu, é capaz de imitar algo que não está presente senão na sua imaginação.

Segundo Avelino Bento (1987: 28) “ *Os brinquedos servem para projetar as emoções e são um bom veículo do jogo de imitação.*”

Para o mesmo autor, os principais objetivos do jogo de imitação são: “recriar, através do jogo de imitação, movimentos pessoas, animais, ações, imitar os gestos dos outros, recriar situações produzidas no meio e desenvolver a memória gestual”.

O jogo simbólico

Alberto B. Sousa, citando (J. Piaget 1962) refere que “*o jogo simbólico é uma atividade natural da criança onde ela desenvolve, de maneira muito especial, as suas capacidades intelectuais*”.

Desde modo, a criança tem a capacidade de “experimentar” as potencialidades do seu corpo, mentais e físicas.

O autor acima referido considera o jogo simbólico a mais primitiva forma de simbolismo lúdico que assinala a passagem e a continuidade entre o exercício sensório-motor e o simbolismo. É designado por esquema simbólico ou reprodução de um esquema sensório-motor fora do seu contexto e na ausência do seu objeto habitual.

Zulliger (1952, 1967: 18) apresenta-nos a seguinte teoria “*o faz-de-conta, antes dos três anos e depois no pensamento da criança, não existe, existe apenas em si. A criança ainda não distingue entre uma realidade exterior e uma realidade interior.*”

O jogo simbólico, também conhecido de “faz-de-conta”, caracteriza-se por recriar a realidade, recorrendo ao simbolismo. Este estimula a imaginação e a fantasia na criança. Variados autores acreditam que esta atividade estimula o desenvolvimento psicomotor, cognitivo, emocional, social e cultural das crianças. Piaget valoriza a contribuição do

jogo simbólico para o desenvolvimento cognitivo e afetivo-emocional. Através da brincadeira, a criança põe em ação as imagens mentais que forma dos acontecimentos humanos habituais.

O psicólogo Otto Weininger (1988:144), caracteriza brincadeira como “*e se*”; neste caso concreto a criança pensa: “*E se fosse um polícia?*” O autor considera, fazer de conta, como um processo intencional, ou seja, a criança já têm um propósito na brincadeira, reflete um pouco sobre a realidade e depois interpreta essa mesma realidade.

A psicóloga Sara Smilansky (1990) pensa que a brincadeira de faz-de-conta tende a ser fluida e flexível e as crianças envolvem-se frequentemente em diálogos complexos, inventando o guião à medida que vão representando. Tomemos como exemplo, a área da casinha, onde estão arrumados materiais como roupas, bonecas e pratos. As crianças, por vezes, nas suas brincadeiras, constroem as “suas famílias” e a partir daí desenrolam uma história criada por eles, representando familiares, animais e a sua realidade. É através da imitação do faz-de-conta, que as crianças organizam aquilo que compreendem. “Fazer de conta” é representar papéis. Tende a ser atividades sociais e têm um efeito positivo no desenvolvimento social e da linguagem das crianças.

Para que a brincadeira do faz-de-conta tenha sucesso, é importante que os adultos apoiem as brincadeiras dando-lhes materiais apropriados, observando e ouvindo a brincadeira de faz-de-conta e interagindo com eles.

Segue-se um testemunho por mim vivido na “área do médico”:

Educadora de Infância Estagiária: Então quem é a médica?

I (4 anos): Sou eu... agora estou a passar receitas... (entretanto, bate à porta a paciente)

S (4 anos): Posso entrar doutora?

I (4 anos): Então o que se passa?

S (4 anos): Aí... a minha filha Isabel está cheia de febre... não sei mais o que fazer...

I (4 anos): O melhor é já dar “uma pica” a ver se isso passa... e leva mais uns antibióticos para ver se melhora... sim? Tem de fazer tudo, tudo certinho.

S (4 anos): Aí muito obrigada doutora... depois, marco outra consulta.

Nota de campo 14 de Março



Ilustração 1: Atividade do jogo simbólico: “Área do Médico”

Nesta brincadeira é visível a representação de papéis e a sua recriação. As duas crianças, com o auxílio da boneca, imaginaram uma história, vestiram os adereços e encarnaram personagens, formando o seu próprio guião.

O jogo dramático

Na educação pré-escolar é bastante comum recorrer-se às dramatizações e representações teatrais para se levar a cabo atividades coletivas realizadas durante o período letivo, nomeadamente em festas de final do ano e de final do período. No entanto, muitas vezes, o papel atribuído à expressão dramática é menosprezado, dando-se ênfase a outras áreas e domínios de aprendizagem.

Entendo, portanto, que a expressão dramática não pode ser encarada apenas como algo pontual para criar e mostrar um espetáculo, mas como uma área de currículo tão importante como as demais. Parece-me a mim evidente que a expressão dramática se define por uma dupla necessidade de expressão e comunicação. Quando se aborda o tema de jogo dramático, devemos inteirar-nos das suas potencialidades e vantagens, sendo que, o jogo dramático ajuda a criança a adquirir diversas aptidões quer no domínio do corpo, bem como na sua expressividade. De um modo geral, os jogos dramáticos auxiliam a criança a adquirir o domínio da comunicação com os outros.

Podemos dizer que a atividade própria da criança é o jogo, a apoiar esta afirmação apresento algumas definições de jogo. Para Ryngarret (1981: 34) podemos defini-lo como:

“ (...) O jogo dramático não visa uma reprodução fiel da realidade, mas sim a sua análise a partir de um discurso produzido numa

linguagem artística original que se afasta do naturalismo”; (...) “É uma atividade coletiva. O grupo é o lugar onde o indivíduo se elabora “para si” e com os outros. Mas não poderia manter-se fechado sem cair no narcisismo e na ilusão de grupo”; (...) “Esta expressão não está subordinada ao texto. Este é substituído pela palavra improvisada ou estabelecida a partir de um guião;” (...) “Não tem em vista a representação oficial rodeada de um importante aparato. Utiliza a apresentação dentro de um atelier como o meio para interrogar e para verificar a comunicabilidade do discurso sustentado. O vaivém entre o jogo e o pôr em questão o jogo por observadores ativos é um dado essencial do trabalho”; (...) “Não reclama atores virtuosos, competentes em todas as técnicas de expressão. Destina-se a formar «jogadores», mais preocupados em dominar o seu discurso do que criar a ilusão. (...) “Não necessita de cenários, trajes ou adereços no sentido tradicional. A construção do espaço de jogo faz-se a partir do espaço escolar e do mobiliário corrente chamados a novas funções.”

Lequeux (1977:159) sustenta que os jogos dramáticos têm duas funções: a função individual e a função social. Na perspetiva da função do social os jogos dramáticos exercitam a imaginação, solicitam a observação, reflexão e espírito crítico, favorecem as faculdades de dedução e lógica; utilizam vocabulário, a sintaxe, a pronúncia correta, ajudam a aquisição do domínio do gesto. Lutam contra a timidez; constituem uma motivação para exercícios manuais de preparação de acessórios; sugerem a manifestação do poder criativo das crianças, no desenvolvimento do domínio imaginativo; gestual e verbal. Facilitam a expressão do “eu”, sob a máscara da personagem interpretada. Permitem a libertação de conflitos íntimos dos indivíduos, faculdades que, doutra forma, se perderiam. Constituem um meio de desinibição”.

Relativamente à função individual dos jogos dramáticos, refere, asseguram a comunicação entre crianças, desenvolvem o espírito de equipa através da elaboração em comum da história, da procura de acessórios e da encenação.

(Bourges 1964), citado por Sousa (2003:67) afirmava que os “*Jogos dramáticos são improvisações sobre temas dados ou encontrados, improvisações onde se exercitam a imaginação e a criação da criança*”.

Os fantoches

Segundo Bedos e col., (1974:89) considera que

“ Todo o boneco articulado, direta ou indiretamente animada pela mão humana, sendo construído e manipulado por uma pessoa, a movimentação do fantoche expressa as emoções e sentimentos de quem o movimenta, por processos de projeção e transferência psicológica, possuindo por isso grande valor educativo, preventivo e terapêutico ”.

Considera-se o fantoche como um instrumento essencial na pedagogia infantil, proporcionando o desenvolvimento de aprendizagens fundamentais: a coordenação óculo-manual, a capacidade de observação, a concentração, a imaginação, a expressão oral e o autodomínio.

Quando o educador decide recorrer à utilização do uso de fantoches deve ter em conta a sua utilização pedagógica considerando três campos distintos de trabalho. A construção do fantoche deve partir de uma história tradicional ou não. O educador deve propor a sua construção através de diversos materiais. A manipulação a partir de um texto pré-estabelecido ou improvisado e a retroação, personagem que dialoga com a assistência sobre o conteúdo da ação apresentada. Além de todo o trabalho efetuado com fantoches, o educador pode recorrer à sua utilização como meio de ensino aprendizagem. O fantoche pode ainda ser utilizado como contador de histórias, quer pelo educador, quer pelas crianças.

A variedade de fantoches é grande, podendo estes ser de luva, mão, vara, fio e mecânico.

Segundo Isabel Alves Costa el all. (1989:47)

“ Fazer viver um fantoche exige ainda, em termos de desenvolvimento, o ser capaz de se colocar no ponto de vista de um outro que na realidade não existe, deixando-o sentir, pensar, viver de forma coerente como se de facto existisse. O facto de a criança criar “ amigos imaginários ” com os quais conversa, brinca, conta histórias e dos quais nos conta coisas, não tem nada a ver com esta possibilidade que o manipulador tem de criar um outro que não existe e de o fazer viver. Para a criança, estes amigos existem realmente, estão ali, são gente, e assumem, como no caso da boneca, papéis complementares do seu ”.

Analisando a perspetiva da autora, o fantoche quando se torna um objeto essencial na sala de jardim de infância é proporcionador de situações de aprendizagens significativas que ajudam as crianças a crescer. Para que tal aconteça é necessário um investimento, por parte dos educadores, na sua construção e elaboração. O fantoche deverá ser um instrumento que faz parte da sala de atividades e do dia a dia das crianças.

Podemos afirmar que o fantoche tem inúmeras vantagens, podendo servir como escudo protetor de crianças tímidas. Através do mesmo, conseguem uma melhor comunicabilidade e uma maior expressividade, sentindo também uma maior autoconfiança por se situarem dentro de um contexto imaginário criado por elas e onde tudo é fácil e possível de realizar.

PARTE B: METODOLOGIA

2.1 CAPÍTULO II- MODO DE ORGANIZAÇÃO E REALIZAÇÃO DA PRÁTICA

2.1.1 Problemática/Questões de investigação

No ano letivo 2011/2012, e enquanto aluna do Mestrado em Educação Pré-Escolar, efetuei a componente de Prática e Intervenção Supervisionada num contexto de rede pública, na cidade de Portalegre, no Jardim de Infância da Corredoura. Durante esta prática efetuei várias observações que serviram como ponto de partida para a escolha do tema do presente relatório.

As observações efetuadas durante o período de estágio de observação e cooperação, e de prática pedagógica, constituíram o ponto de partida para diagnosticar a problemática aqui apresentada.

A questão problema assenta, essencialmente, do facto de ter observado que a prática da Expressão Dramática não se evidenciava na sala de atividades onde estava inserida, comparando com outras áreas de conteúdo, tais como, a Área do Domínio da Linguagem Oral e abordagem à escrita, a Área do Domínio da Matemática e a Área da Expressão Plástica. Perante esta situação, todos os dias me interrogava “Onde é que existia a prática da Expressão Dramática nesta sala de atividades?”

Também, ao longo do tempo constatei que, em momentos de atividades livres, as crianças formavam sempre os mesmos grupos e iam sempre para as mesmas áreas de interesse.

Perante esta situação observada optei por delinear um plano de atividades a serem colocadas em prática no 2º semestre na Unidade Curricular de Prática Pedagógica na Área do Domínio da Expressão Dramática.

Partindo da análise de diferentes autores (L. Chancerel, 1936; B. Powell, 1946, H.Read, 1943, B. Way 1952; P. Slade, 1954; B. Walker, 1957; R.N. Pemberton-Billing, 1959; e outros: 37) constatei que estes referem que a expressão dramática comporta as seguintes características:

- a) A expressão dramática é uma técnica não diretiva;
- b) A expressão dramática é uma técnica “centrada”;
- c) A expressão dramática processa-se através da ficção, do imaginário, não através da atual representação da realidade;

- d) As raízes da expressão dramática estão no jogo do faz de conta da criança e não no teatro;
- e) A expressão dramática pode ser efetuada individualmente pelas crianças;
- f) A expressão dramática é uma atividade educativa e não um espetáculo ou ensaios para tal;
- g) A expressão dramática é uma parte natural do funcionamento psicológico;
- h) Expressão, imaginação e criação são elementos fundamentais da expressão dramática.

Perante estas características sobre a Expressão Dramática tentei criar um conjunto de atividades que se enquadrassem nas mesmas e que fossem do agrado das crianças. Assim, tendo em conta que a atividade preferencial das crianças nesta faixa etária é o jogo, considerei indispensável utilizá-lo para criar atividades pedagógicas, pois é um recurso promotor de aprendizagens ao nível do desenvolvimento social e pessoal das crianças.

Foi com base nesta problemática que recorri a um trabalho de investigação.

(Sousa 2005) resume

“ Uma investigação é um procedimento que procura encontrar qualquer coisa. Quando se parte para uma investigação dever-se-á saber para onde se vai, ou seja, o que se vai procurar (...) o problema é o objetivo da investigação, a meta que se pretende atingir, a pergunta científica para qual procuramos resposta”.

Desde modo, o autor procura esclarecer-nos que para existir investigação devemos traçar um assunto a ser estudado, investigando e obtendo respostas à pergunta que queremos estudar.

Este Relatório procura compreender porque é que a prática da Expressão Dramática não se evidencia tanto como outras áreas de conteúdo e o facto das crianças estarem sempre nas mesmas áreas de interesse. Como tal, e sabendo que as crianças só realizam aprendizagens significativas se estiverem interessadas, planifiquei um conjunto de atividades no âmbito do jogo dramático.

2.1.2 Objetivos do estudo

Durante o segundo semestre do ano letivo 2011/2012 efetuei a componente de Prática e Intervenção Supervisionada que decorreu de segunda a quarta-feira, no horário das 9h às 15h30. Neste período de tempo fui-me apercebendo dos principais interesses e motivações das crianças. Deste modo, e tendo em conta o conhecimento que tinha do grupo através das observações efetuadas ao longo do ano, escolhi como tema integrador do projeto de prática, “ *O Jogo e a Expressão Dramática na Educação Pré-Escolar, qual é a sua importância?*”

Partindo da escolha do tema, este Relatório pretende apresentar propostas de trabalho que vão de encontro aos principais objetivos que ambiciono. Assim, apresento e caraterizo um percurso vivido enquanto estagiária, dando a conhecer a prática educativa desenvolvida, e o conhecimento integral do grupo e do jardim de infância.

Posteriormente, os principais objetivos que se pretenderam alcançar foram:

- Evidenciar de que forma o jogo e a expressão dramática contribuem no desenvolvimento integral das crianças.
- Demonstrar que o jogo e a expressão dramática são indispensáveis na prática em jardim de infância.
- Criar um conjunto de atividades que proporcionem aprendizagens significativas e o desenvolvimento das crianças nas diferentes áreas de conteúdo.

2.1.3 Metodologia através da prática de investigação-ação como opção

No que concerne à metodologia utilizada ao longo da prática, é importante salientar que partiu da observação efetuada ao longo do ano, da sua análise, pesquisa e reflexão, sendo que, ao longo de toda a prática, fomos convocados para momentos de reflexão que nos levou a optar pela prática de investigação-ação. O trabalho de investigação inicia-se pela problemática para a qual se pretende encontrar respostas.

Neste sentido, a investigação-ação é um importante processo emancipatório na resposta a problemas concretos, tendo como objetivo formular as questões a estudar, definir os objetivos a alcançar e as metodologias para os abordar, definindo formatos para avaliar os resultados delineados.

Para Rapoport (1970:499) “*A investigação-ação pretende contribuir para a resolução das preocupações das pessoas envolvidas numa situação problemática*”

imediate e, simultaneamente, para as finalidades das ciências sociais, através da colaboração de ambas as partes, num quadro ético mutuamente aceitável". O autor faz notar que para existir investigação é necessário a colaboração dos intervenientes, articulando a teoria com a prática, para, deste modo responder à problemática inicialmente encontrada.

Máximo-Esteves (2008:82) afirma

" A investigação-ação, usada num processo de reflexão e de reconstrução de práticas, é um processo dinâmico, interativo e aberto, que se adapta e ajusta às circunstâncias e fenómenos de estudo, inclui algumas operações consideradas essenciais para o sucesso desta, segundo Fischer são: planear com flexibilidade, agir, refletir, avaliar e dialogar".

Máximo-Esteves apresenta-nos a investigação-ação como um ponto de partida para o estudo de uma problemática, caracterizando-a como um processo útil que ajuda na compreensão de factos.

Ainda neste seguimento James Mckernan (1998:5) procura uma definição para compreender o que é investigação- ação. O autor diz:

" É um processo reflexivo que caracteriza uma investigação numa determinada área problemática cuja prática se deseja aperfeiçoar ou aumentar a sua compreensão pessoal. Esta investigação é conduzida pelo prático, primeiro para definir claramente o problema, segundo para especificar um plano de ação, incluindo a testagem de hipóteses pela aplicação da ação do problema. A avaliação é efetuada para verificar e demonstrar a eficácia da ação realizada. Finalmente, os participantes refletem, esclarecem novos acontecimentos e comunicam esses resultados à comunidade de investigadores-ação. Investigação-ação é uma investigação científica sistemática e auto reflexiva levada a cabo por práticos, para melhorar a prática".

Assim, foi com base na problemática detetada que planifiquei um conjunto de atividades de jogos durante o segundo semestre, na Unidade Curricular de Prática Supervisionada, no sentido de envolver as crianças na prática de atividades e jogos de expressão dramática. Decidi pela área de expressão dramática porque é uma forma lúdica das crianças representarem experiências que tiveram pelo desempenho de papéis. Nas diferentes áreas de interesse as crianças utilizam aquilo que compreenderam dos acontecimentos vividos. Atividades como o jogar ao faz de conta, o jogo dramático, a dramatização de histórias, têm um papel fundamental, não só no desenvolvimento sócio

afetivo das crianças, como também na aquisição das suas competências e no seu desenvolvimento cognitivo e social.

É importante salientar que, com este percurso, encarei a educação de infância como um momento “chave” para o desenvolvimento das crianças na sua vida. É nesta etapa que o educador deve delinear e escolher muito bem as atividades a desenvolver com o seu grupo, não descurando o ato de brincar. Enquanto futura educadora penso que os profissionais de educação de infância *“necessitam de persistir e agir a favor de um currículo que integre o trabalho e o jogo, o brincar e o aprender e que deixe às crianças tempo para o sonho, a imaginação, a transgressão”*. (Formosinho-Oliveira, 2001:49).

As atividades aqui apresentadas são essencialmente de caráter prático. Em situações de jogo livre procurei observar os comportamentos das crianças na promoção do desenvolvimento e das suas aprendizagens.

Para (Hohmam & Weikart, 1997: 624) *“ As crianças ao brincarem sozinhas umas com as outras num ambiente de aprendizagem pela ação, ganham uma sensação de prazer e auto confiança, que advém das oportunidades para se movimentarem”*.

Tal como foi referido anteriormente, o Relatório teve por base o tema- O Jogo e a Expressão Dramática, qual é a sua importância? Tendo como objetivo primordial a criação de hábitos de jogo e da expressão dramática no jardim de infância. As minhas intenções traçaram-se com o objetivo de obter algumas respostas às seguintes questões: “Como é que a prática do jogo e da expressão são vivenciadas pelas crianças e pela educadora na sala?”; “ Qual a importância atribuída pela educadora a esta prática?” “ Como podemos mudar os hábitos da prática na sala de atividades.”

Na minha opinião, o tema escolhido é oportuno e essencial, no nível de educação onde se insere, uma vez que a criança tem o direito a brincar e a ser feliz.

Foi com base nestes pressupostos que planifiquei um conjunto de atividades, que julgo irem ao encontro das necessidades e interesses das crianças, tentando ajustá-las em função das necessidades das mesmas.

Na implementação das atividades tentei acompanhar e analisar o nível de envolvimento das crianças nos diferentes momentos de implementação das atividades.

2.1.4 Instrumentos de recolha de dados

Para a elaboração da Prática Pedagógica, relativamente ao nível do Jogo e da Expressão Dramática, houve necessidade de recorrer a meios para a obtenção de dados e reflexão, que permitissem o estudo sobre os mesmos.

Relativamente ao processo de recolha de dados recorri essencialmente à observação direta e participada enquanto estagiária do curso de Educação Pré-Escolar. “ *A observação direta como uma observação do comportamento dos indivíduos nas circunstâncias da sua vida quotidiana*” (Estrela, 1994:45).

(Máximo-Esteves 2008:87) diz “*no método de observação temos vários instrumentos metodológicos para registarmos os dados de observação, sendo eles as “Notas de campo”, os “Diários”, as “Fotografias e vídeo” e por fim os “Documentos das crianças (portefólios)”*”.

Os instrumentos utilizados foram:

Portefólio	Consistiu em recolher o maior número de informação sobre a prática pedagógica em si. O portefólio tinha planificações de sessões elaboradas semanalmente, descrição de atividades, reflexões sobre os vários momentos de ação e, ainda, conclusões obtidas de cada sessão como o auxílio de registos fotográficos e trabalhos elaborados com as crianças.
Notas de Campo	Relativamente às notas de campo, traduzem-se na sua maioria em registos de diálogos efetuados pelas crianças na área da casinha ou situações espontâneas que suscitaram interesse para o estudo. (Para Máximo-Esteves, 2008:88),” <i>as notas de campo são registar um pedaço da vida que ali ocorre, procurando estabelecer as ligações entre os elementos que interagem no contexto</i> ”. (Bogdan e Biklen 1994:151) constam que “(...), <i>as notas de campo podem originar em cada estudo um</i>

	<i>diário pessoal que ajuda o investigador a acompanhar o desenvolvimento do projeto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afetado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados”.</i>	
Registos Fotográficos	Os registos fotográficos foram um instrumento bastante útil, e o mais utilizado, na medida em que temos os registos de cada sessão, nomeadamente das atividades, de alguns materiais realizados na sala de atividades.	
Questionários	Aplicação de 4 questionários às Educadoras cooperantes e recolhidos 3 e entregues 23 questionários aos Encarregados de Educação da sala e recolhidos 11 .	

Tabela 1: Apresentação e descrição dos instrumentos de recolha de dados

Ainda outros materiais foram utilizados, nomeadamente o Manual do Projeto Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias (DQP) Bertram & Pascal, 2009. A utilização do manual DQP é resultado de um ano de investigação e recolha de dados.

O DQP é um projeto desenhado para apoiar a autoavaliação, na melhoria dos contextos educativos para as crianças. É sua função desenvolver uma estratégia eficiente para avaliar e melhorar as oportunidades e qualidade da aprendizagem das crianças numa grande variedade de contextos de educação pré-escolar e implementar um processo colaborativo, sistemático e rigoroso de auto avaliação, que é apoiado e validado externamente.

Para a obtenção de dados mais concretos recorri aos instrumentos utilizados ao longo das sessões teóricas da unidade curricular de observação e cooperação, com o manual do projeto “Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias” (DQP), e com a “Escala de Avaliação do Ambiente em Educação de Infância” (ECERS). Estes dois instrumentos tiveram como objetivos principais:

- Conhecer a instituição e equipamentos;
- Saber o funcionamento e organização da instituição;
- Conhecer a organização da sala de atividades;
- Compreender as diferentes rotinas da sala;
- Conhecer o grupo de crianças;
- Conhecer o nível socioeconómico das famílias;
- Observar as diferentes áreas de conteúdo;
- Observar e compreender as estratégias da educadora;
- Registrar experiências relevantes;
- Registrar se as tarefas são adequadas às capacidades das crianças;
- Presenciar como a assistente operacional interage com as crianças.

Como recursos, tive o auxílio das fichas do DQP das quais se destacam: ficha do estabelecimento educativo; ficha do nível socioeconómico das famílias das crianças; ficha do espaço educativo da sala de atividades; ficha da educadora de infância; ficha da assistente operacional e questionário à educadora de infância.

3. 1 CAPÍTULO III: TRATAMENTO E ANÁLISE DE DADOS

3.1.1 Análise das informações recolhidas: questionários, observação direta

As observações efetuadas ao longo do ano letivo, os questionários efetuados às Educadoras de Infância e aos Encarregados de Educação, as notas de campo e as fotografias das crianças a desenvolver diferentes atividades propostas, serviram como contributo para o desenvolvimento das atividades sobre a temática “O Jogo e a Expressão Dramática”.

Neste seguimento, e para um maior aprofundamento do tema o “Jogo e a Expressão Dramática”, elaborei cuidadosamente dois questionários diferentes, uns para entregar a quatro educadoras de infância da rede pública dos jardins-de-infância de Portalegre e vinte cinco questionários para entregar aos encarregados de Educação da sala, onde fiz a minha componente pedagógica.

De todos os questionários entregues, três educadoras responderam e onze pais devolveram os questionários. Apesar das tentativas constantes em pedir os questionários, não tive qualquer retorno dos restantes, ou seja, quinze (um de uma Educadora e catorze dos Encarregados de Educação). Contudo, elaborei o estudo dos que me foram devolvidos e obtive resultados.

No questionário entregue às Educadoras de Infância, as questões formuladas são de aprofundamento. Pretendi uma informação mais detalhada sobre o tema, embora com algumas questões fechadas e outras abertas.

Relativamente aos questionários direcionados aos Encarregados de Educação, são questões abertas e, ao mesmo tempo, “especificadoras”. São questões de seguimento, que pretendem obter informação ao pormenor, neste caso específico, saber a opinião dos pais em relação à prática da expressão dramática no jardim de infância.

Nos questionários referentes às Educadoras de Infância consegui constatar que todas tiveram aulas de Expressão Dramática no seu percurso académico e pensam que estas aulas foram bastante úteis para a formação enquanto profissionais. Referem que a referida prática foi essencial, “contribuindo para “aprender” a desenvolver atividades no âmbito da expressão dramática e a tornarem-se mais criativas”. (As Educadoras)

Todas afirmaram que realizavam atividades de expressão dramática na prática letiva e atribuíram numa escala de 0 a 5, nota 4 e uma das educadoras nota 5. Concluí,

portanto, que todas têm consciência da importância da expressão dramática numa sala de jardim de infância. Na questão sobre as principais motivações que levam à prática da expressão dramática, afirmam que “desenvolve a criatividade, o jogo simbólico e ajuda as crianças a tornarem-se mais confiantes”. (As Educadoras)

Na questão “como realiza as atividades de expressão dramática e que materiais utiliza”, afirmaram que usam materiais presentes na sala de atividades, que geralmente recorrem a atividades de improvisação, dramatizações, fantoches, mimica e materiais produzidos pelas crianças”. (As Educadoras)

Ainda asseguraram que a prática da expressão dramática desenvolve muito as crianças.

Quando se questiona em que medida é que a expressão dramática desenvolve as crianças respondem no “desenvolvimento da criatividade”; “no conhecimento de si e dos outros”; “na consolidação de conhecimentos e no desenvolvimento do nível físico, social, cognitivo e motor”.

Para finalizar o questionário, na pergunta “ quando realizavam atividades de Expressão dramática se costumavam guiar-se pelas OCEPE”, duas educadoras responderam afirmativamente e a outra negativamente.

Do questionário apresentado constatei que as atividades que as Educadoras mais desenvolvem são o jogo dramático, o jogo dramático organizado, o jogo de sombras, as dramatizações (a partir de histórias publicadas e a partir de histórias inventadas pelas crianças e educadora) a mímica e a expressão corporal com narrativa.

Através das respostas às questões, foi possível perceber que todas as educadoras estão despertas para a importância da expressão dramática e contemplam-na nas suas atividades.

No que concerne aos questionários dos Encarregados de Educação tentou-se conhecer as suas ideias em relação a prática da expressão dramática no jardim de infância. De um modo geral as famílias do grupo de crianças não revelam muito interesse nas atividades propostas na sala de jardim de infância. Contudo, existem várias exceções de pais que se mostram bastante atentos e colaboradores para o desenvolvimento e melhoria das atividades.

Dos onze questionários que analisei, são pais cujas idades oscilam entre 30 e os 45 anos e, na sua maioria, pertencem ao sexo feminino como demonstra o gráfico abaixo apresentado.

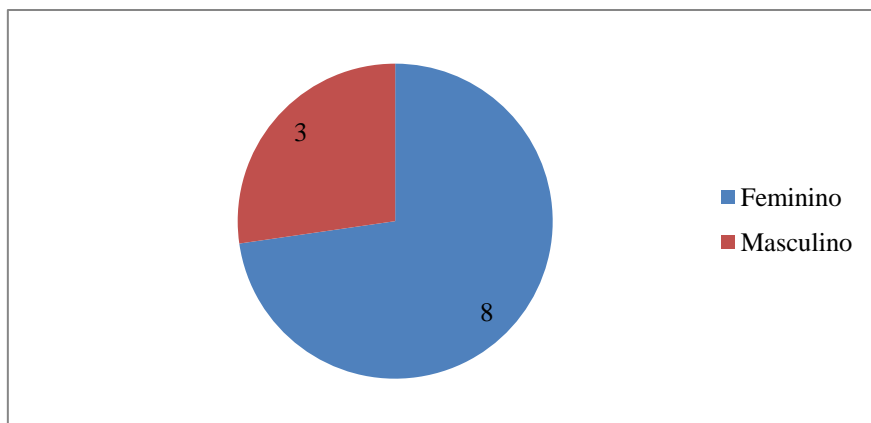


Gráfico 1: Género dos encarregados de educação inquiridos

No que diz respeito às habilitações académicas dos encarregados de educação inquiridos a maioria tem licenciatura, como demonstra o gráfico abaixo apresentado.

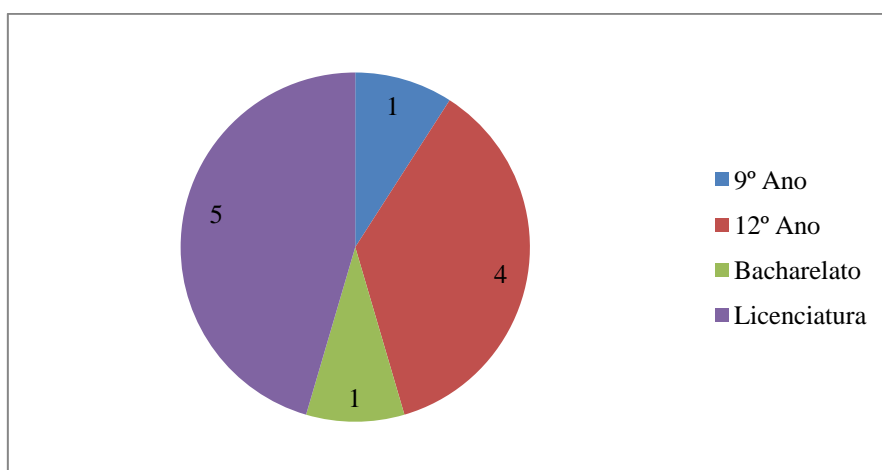


Gráfico 2: Habilitações académicas dos encarregados de educação inquiridos

Dos onze questionários analisados, a primeira questão onde pedia uma definição em termos genéricos de jogo/dramatização e expressão dramática, os pais responderam que são: “ações, interpretações, imitações, dramatizações, que são atividades que proporcionam vivências e experiências para o crescimento individual e em relação ao grupo; que são atividades que desenvolvem as crianças, através de atividades lúdicas, são áreas onde as crianças aprendem a comunicar e são interessantes na medida em que fazem brincadeiras e jogos e incentiva a imaginação”.

Na segunda questão: “ Acha interessante as crianças praticarem expressão dramática no jardim de infância, a maioria dos pais respondeu sim, afirmando que desenvolve a imaginação e a criatividade.

Na terceira questão: “ Assistiu alguma vez a um momento de expressão dramática na sala de jardim de infância?” A maioria dos pais respondeu não, o gráfico abaixo é representativo dessa maioria.

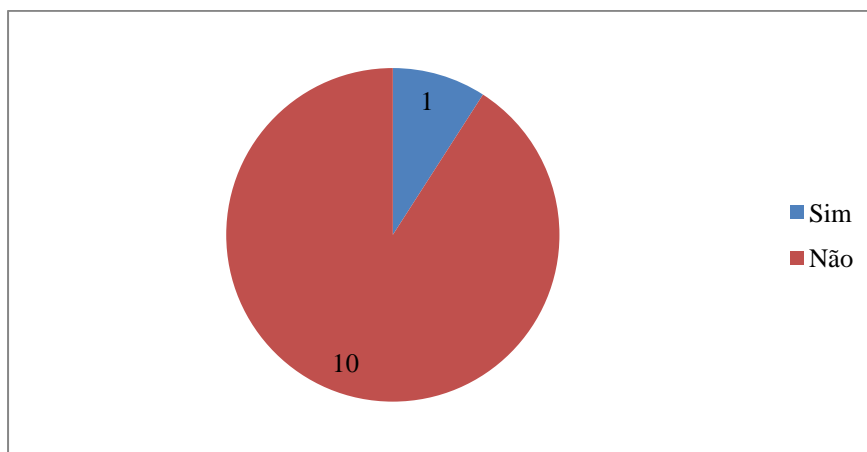


Gráfico 3: Representativo dos encarregados de educação que assistiu à prática de atividades de expressão dramática na sala

Para finalizar, na questão se deixaria o seu educando frequentar um clube de expressão dramática, a maioria dos pais respondeu sim, como indica o gráfico abaixo apresentado.

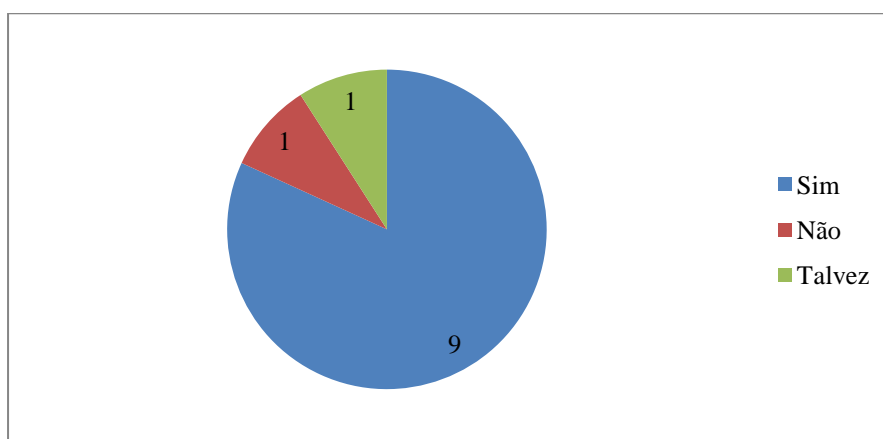


Gráfico 4: Número de encarregados de educação que deixaria o seu educando participar num clube de teatro

Pela análise efetuada podemos constatar que tal como as educadoras, os pais também têm consciência que a prática da expressão dramática é importante para o desenvolvimento dos seus educandos. Têm uma ideia do que é o jogo e a expressão

dramática, mas contrariamente ao que é referido pela educadora, estes pais nunca assistiram a nenhum momento em que a prática da expressão dramática fosse desenvolvida pelos mesmos.

Mostram interesse e gostariam que as suas crianças participassem nesses momentos lúdicos e tão importantes para o seu desenvolvimento.

3.1.2 Observações, desenvolvimento e reflexões das atividades “O Jogo e a Expressão Dramática”

Atividades desenvolvidas ao longo da prática educativa:

1ª DIA 14 DE MARÇO - Atividade livre: “faz-de-conta”

2ª DIA 23 DE ABRIL -A história: “O Cuquedo”

3ª DIA 21 DE MAIO -Jogos de imitação: “As profissões”

4ª DIA 22 DE MAIO -Jogos de roda: “Meu gatinho”

5ª DIA 6 DE JUNHO - “As sombras chinesas”

O conjunto de atividades acima apresentadas surgiu ao longo do 2º semestre do ano letivo 2011/2012, durante a prática pedagógica, tendo em conta a problemática detetada no grupo de crianças. Como tal planifiquei um conjunto de atividades que são resultado de uma orientação por parte de todos os docentes das várias áreas científicas. O conjunto de atividades aqui apresentado é referente ao tema “O jogo e a expressão dramática”, mas este tema não foi exclusivo da minha ação pedagógica, muitas outras áreas de conteúdo foram trabalhadas com as crianças. Tentei sempre ao longo da prática criar atividades que englobassem várias áreas.

Também tentei que a minha prática pedagógica fosse ao encontro do tema escolhido, uma vez que a expressão dramática constitui um dos melhores recursos globalizadores para a educação das crianças em idade pré-escolar.

Nas atividades observadas e desenvolvidas, farei uma “análise swot” da intervenção referindo os pontos fortes da ação, os pontos fracos, os principais constrangimentos que tive na ação e as oportunidades da atividade.

Atividade nº 1 “Atividade faz-de-conta”

Esta atividade teve como intuito perceber e observar os vários comportamentos que as crianças mantinham nas diferentes áreas de interesse. Assim, depois do acolhimento as crianças dirigiram-se para os vários “cantinhos”. À medida que as crianças se encontravam nas várias áreas, ia passando e anotando algumas brincadeiras.

Situação 1: “Na área da casinha”

Educadora de Infância Estagiária: “ Estão a brincar ao quê?”

S (4 anos): “ Estamos a brincar aos pais e às mães!”

E.I.E: “ Quem é o pai e a mãe?”

S (4 Anos): “É muito simples, eu sou a mãe o “G” é o pai, a “T” é a filha mais nova, a “C” a prima.

S (4 anos): “Meninas venham jantar! Ai, ai, ai, daqui a nada “levam” é sempre a mesma coisa... chamo, chamo e nunca estão na mesa a horas, mas quem tem culpa eu sei quem é, é o meu marido... deixa fazer tudo.... Ai, ai ,ai”.

G (5 Anos): “Não vês que as “miúdas” estão a brincar... deixa lá... não jantam agora, jantam mais tarde... ”

S (4 anos):“ Por isso é que elas estão assim... deixas que façam tudo... não digo mais nada...”

Nota de campo:14 de Março

Esta situação foi observada na área de interesse da casinha e ilustra o que se passa em casa. Através deste diálogo deu para entender que as crianças fizeram representação de papéis, atribuíram a cada criança que se encontrava na casinha um membro da família e a partir daí criaram uma história que, a meu ver, é a representação de uma situação real. Quando questionei a (S, 4 anos) porque estava tão “aborrecida” por a filha e a prima não virem para a mesa, a mesma respondeu: “A minha mãe está sempre “zangada” quando eu e a minha irmã nos atrasamos. Perante a resposta desta criança, apercebi-me que estava a imitar a sua mãe, representando com as outras crianças o que vivencia na sua casa.

“ A criança repete nos seus jogos as impressões que acaba de viver. Ela reproduz e imita. A imitação é a regra dos jogos, a única que lhes é acessível, enquanto não puderem ultrapassar o modelo concreto para atingir a ordem abstrata”. (Wallon 1983:53)

Nesta situação, a criança utiliza a técnica do jogo de papéis. As crianças fazem exploração de problemas de relações humanas pela ação dramatizada de situações problemáticas em que têm de atuar solucionando-as. Como afirma Shaftel e Shaftel (1967:72), a essência do jogo de papéis reside exatamente neste envolvimento dos participantes numa situação problemática, desejando compreendê-la o melhor possível e estabelecer hipóteses para a sua situação. O jogo de papéis proporciona uma amostra viva do comportamento humano que serve para a criança explorar os seus sentimentos, adquirir conhecimentos das suas atitudes, valores e percepções, desenvolver a sua capacidade de criação de soluções para problemas e explorar situações subjetivas de modos variados.

Vários psicólogos, que estudam o desenvolvimento infantil, acreditam que o “brincar” é viver, desempenhando funções extremamente importantes para a formação da criança.

Piaget, 1972; Rubin, Fein & Vandergurg, 1983, Vygotsky, 1978, afirmam que:

“A brincadeira de faz de conta ou o brincar sócio dramático ajuda a criança a assimilar comportamentos que serão requeridos na vida adulta. Através da dramatização ensinada pela fantasia da sua própria brincadeira, a incorporação de tais comportamentos é facilitada e novos degraus do amadurecimento sociocognitivo podem ser galgados”.

Entende-se, por isso, que brincar promove experiências sociais, as quais contribuem com o desenvolvimento cognitivo direto ou indireto.



Ilustração 2: “O faz-de-conta na casinha”

Atividade nº 2 “ O Cuquedo”

Sabendo que é a partir das histórias que a criança enriquece a sua imaginação, amplia o vocabulário, desenvolve o pensamento lógico, a memorização e adquire valores para a sua vida, procurei algo que, a partir da minha intervenção, criasse momentos de interesse e de desenvolvimento nas crianças, sem esquecer que cada criança é um ser único, individual e com características próprias. Tal como afirma Papalia, Olds, Feldman, (2001: 31) “ *olharmos para cada criança como uma pessoa única, traçando objetivos cada vez mais desafiantes e procurando formas cada vez mais diversas para os atingir*”.

Por isso, na semana de 23 e 24 de Abril optei pelo tema dos animais, sugerido pela Educadora Cooperante e dei a conhecer às crianças a história infantil “O Cuquedo”, uma história bastante animada e do agrado geral das mesmas.

Para a sua concretização e animação construí um fantocheiro em cartão e fiz dedoches de todos os animais da história. No final da história dei a possibilidade a todas as crianças para escolherem um animal e dramatizarem a história. Assim, ao personificar um boneco, a criança recorre à sua imaginação e ao uso da fantasia, o que produz efeitos muito positivos e estimulantes que ajudam a exteriorizar os seus sentimentos e emoções.

“ O fantoche é portador de imagens e de símbolos, de risos e de medos, de sonhos e de realidades. É um expediente, a via de uma expressão livre e discreta (...) todos os meios de expressão nele se encontram reunidos: verbais, gestuais, manuais, plásticos e musicais.” (Leenhardt, 1973:52-53).

Nesta atividade, também tentei envolver as crianças mais tímidas nesta atividade para se libertarem. Como afirmam Avelino e Ilda Bento, (1989:69)

“Para todas as crianças e em especial para a criança tímida, a dramatização, pode proporcionar um envolvimento sem crítica, onde ela é absorvida, respondendo da sua própria forma, no seu próprio tempo e surgindo quando estiver em condições de o fazer.”

Ainda Avelino e Ilda Bento, (1989:68), referem “ *as dramatizações proporcionam oportunidades para a linguagem: a linguagem do corpo, dos sentidos, das emoções, das emoções, a linguagem das palavras coloca grandes exigências na concentração individual e do grupo.*”

Nesta atividade tenho a destacar como pontos fortes: o interesse por parte das crianças na história e toda a motivação em quer dramatizá-la. Pontos mais fracos: ter optado por recorrer ao livro e aos dedoches no conto da história que, por vezes, me dificultou o manuseamento dos dedoches. Como principais constrangimentos, o facto de ter realizado a atividade na sala de atividades, o que provocou uma grande agitação. E como oportunidades, sem dúvida, ter contado a história apenas com os dedoches e ter tido mais espaço para que todas as crianças tivessem a oportunidade de experimentar manusear os diferentes animais da história.



Ilustração 3: “Os fantoches”



Ilustração 4: “ Dramatização “O Cuquedo”

Atividade nº3 “ As profissões”

Esta atividade surgiu na sequência do passeio das crianças à *Kidzania*. A *Kidzania* é um parque temático dirigido a crianças dos 3 aos 15 anos, onde estas têm a possibilidade de escolherem diferentes profissões e encarná-las. Neste sentido, durante o acolhimento, pedi a cada criança para realizar o “jogo das profissões”. Este consistia em

realizar uma mímica da profissão que exerceram na “Kidzania” e as outras crianças adivinharem qual tinha sido, quem acertasse mudaria de lugar e vice-versa.

Trata-se de uma atividade de representar por gestos, sem o recurso da palavra. De exprimir ações e emoções com o corpo e a face.

Para o autor M. Chevaly, (1953: 64)” *A mímica é a ação mais natural do mundo. É pela mímica que o bebé se faz entender muito antes de aprender a falar. É também pela mímica que o estrangeiro se faz compreender*”.

Na expressão dramática, considera-se como mímica algo expresso pela criança (ações, ideias, contos), através de gestos, sem recorrer ao uso da palavra, interessando menos os aspetos comunicativos e mais expressivos e criativos.

Para Avelino e Ilda Bento (1989:65)

“É pela mímica que a criança projeta no mundo exterior o seu interior. A criança mima essas ações como uma forma de compensação por não as ter de facto realizado.” Ainda para os mesmos autores *“A mímica é desenvolver a comunicação não-verbal, deixando que a criança se projete no mundo exterior através do gesto, é o principal objetivo ao utilizar a mímica”*.

Nesta atividade tenho a destacar como pontos fortes: a espontaneidade e a prontidão com que todas as crianças realizaram a atividade. Como pontos fracos: a rapidez com que decorreu a atividade. E como uma futura oportunidade: levar cartões e mostrar à criança para realizar a mímica do cartão.



Ilustração 5: Mímica: “Jogo das profissões”

Atividade nº4 “ O meu gatinho”

Através deste jogo pretendi incentivar a criança a participar individualmente, com desinibição e espontaneidade, e promover o desenvolvimento das suas capacidades criativas e expressivas.

O seguinte jogo consiste em cantar a canção do gatinho. Após a criança que canta, tem de dizer “mia gato!” A educadora tem de dizer a uma das crianças da roda para miar e o outro elemento tem de dizer o nome do gato que miou. É um simples jogo de roda, mas permite à criança reconhecer a voz do amigo e identificar a criança. É uma excelente atividade para se iniciar o acolhimento porque as crianças aderem muito bem. As brincadeiras cantadas são um instrumento rico e valioso no trabalho com regras, uma vez que, para que a brincadeira possa correr normalmente, todos os elementos envolvidos devem respeitar os termos estabelecidos.

“As cantigas de roda são pequenos cantos que pertencem à tradição popular, cujas brincadeiras cantadas são tão antigas quanto a história, pois crianças e adultos, em diversos períodos históricos, brincavam, cantavam e dançavam como forma de celebração ou como instrumento de transferência cultural”. (Kishimoto 1998:101)

Canção do gatinho

Meu gatinho, meu gatinho que pela aquela porta fugiu.

Meu gatinho, meu gatinho ou tu viste ou fugiu!

Mia gato!

Atividade nº 5 “ As sombras chinesas”

Através desta atividade pretendi encorajar as crianças a explorar as capacidades expressivas do seu corpo, o autocontrolo e a confiança em si. Esta atividade surgiu, inicialmente, para a execução de uma atividade de ciências experimentais, com o principal objetivo de verificar se a sombra do fantoche ficaria maior ou menor quando se encontrava próximo ou afastado do foco de luz.

Comecei por perguntar às crianças se já tinham visto algum teatro de sombras chinesas. Como a resposta das crianças foi negativa, comecei por explicar-lhes resumidamente do que se tratava.

Para introduzir a atividade comecei por contar a história “As sombras”. Foi uma história da minha autoria. As crianças estavam sentadas do lado contrário do fantocheiro. Quando contei a história mostraram-se muito atentas e interessadas. Depois de assistirem ao teatro das sombras, as crianças tiveram a possibilidade de aperceber-se que o tamanho das sombras observadas ao longo da peça mudava, apesar de ter sido utilizado sempre o mesmo boneco.

Quando pedi aos pares para experimentarem o tamanho da sombra da *velha*, começou a gerar-se um pouco de barulho e tive de intervir para manter o silêncio. Aos pares, foram experimentando o tamanho da sombra, aproximando a velha, perto da luz e longe da luz. Pedi às crianças, que já tinham experimentado e observado, que não contassem o segredo aos amigos para que todos tivessem a possibilidade de descobrir.

No final da atividade, depois de todos terem observado e experimentado, consolidei os conhecimentos questionando-as: “Então já todas sabem o segredo?” Responderam: “Sim”, questionei: “Então qual é?” Obtive como resposta que quando aproximamos a velha da luz a sombra é maior e quando afastamos a sombra é menor. Desta forma, compreendi que todas as crianças entenderam a atividade. Quando passamos para o registo da atividade fizeram-no sem nenhuma dificuldade, apesar de alguma confusão e desorganização quando se sentaram.

É de fundamental importância destacar que

“Desde muito cedo que as crianças brincam com a luz, descobrem a sua sombra e contatam com espelhos. A luz e os fenómenos óticos são, um domínio do quotidiano das crianças, sobre o qual se deve desenvolver a sua compreensão para perceberem melhor o mundo que as rodeia.”
(Martins,2009:49)

Para a realização desta atividade recorri a um fantoche, inventei uma história, utilizei um fantocheiro, um lençol branco e um candeeiro.

Ao terminar a atividade verifiquei que todas as crianças revelaram muita vontade de participar na atividade, embora com alguma agitação. Passo a destacar alguns dos aspetos mais negativos da atividade em si. O facto de estar atrás do fantocheiro não ajudou, porque não tive controlo do grupo; o tempo de espera das

crianças que se encontravam no tapete e o tempo reduzido que dei para as crianças experimentarem o manuseamento do fantoche, penso que, de uma forma geral, foram os aspetos menos positivos da atividade.

Em relação ao aspetos positivos. Foi uma atividade diferente e nunca vista por parte das crianças e, como tal, teve um efeito positivo nas suas reações. Em geral todas as crianças entenderam a história e o intuito da atividade e conseguiram “brincar” com a sombra chinesa e com o seu corpo.

Se tivesse que mudar esta atividade, certamente teria de fazer grupos de três elementos para a verificação da sombra.



Ilustração 6: Explicação da atividade da sombras

HISTÓRIA DAS SOMBRAS

“A Sombra”

Era uma vez uma velha que gostava muito de ir à praia. Quando passeava na praia reparou que conseguia ver a sua sombra na areia e pensou... “Vou-me colocar numa posição em que possa crescer e a seguir em outra que possa ficar mais pequena!” Esta luz é tão forte que acho que vou conseguir! E assim o fez. Primeiro colocou-se perto da luz e depois longe da luz e chegou a uma conclusão... Sabem qual é meninos?

Então venham experimentar com a minha ajuda.

Catarina Ferreira



Ilustração 7: Teatro das sombras

As cinco atividades apresentadas foram uma amostra de possíveis atividades, tendo por base o tema “o jogo e a expressão dramática”. Tenho plena consciência que muitas outras haveria para realizar mas, muitas vezes, por falta de tempo e de oportunidades, ficaram aquém. No entanto realizei muitas outras atividades que não estavam contempladas no tema e que serviram em muito para colocar em prática toda a formação que efetuei ao longo dos quatro anos.

3.1.3 Breve conclusão sobre os dados obtidos

Ao longo das várias atividades que desenvolvi no âmbito da ExDra, procurei adotar uma pedagogia globalizadora, proporcionando oportunidades de aprendizagens significativas para todas as crianças. Através dos dados obtidos pela observação direta, posso assegurar que contribuíram para a construção de conhecimentos a nível de diversas áreas de conteúdo.

Para Silva (2002:48)

“As diferentes áreas de conteúdo partem do nível de desenvolvimento da criança, da sua atividade espontânea e lúdica, estimulando o desejo de criar, explorar e transformar, para incentivar formas de ação refletida e progressivamente mais complexa”.

Todas as atividades que desenvolvi tiveram por base um tema integrador e transversal a diferentes áreas de conteúdo.

Tal como, Figueiredo (2000:48) afirma *“parte integrante do processo ensino aprendizagem e que, quanto mais for uma atitude consciente e intencional, mais eficaz*

será como instrumento de conhecimento e avaliação para o educador”. Na linha deste pensamento, o autor remeto-nos para a importância da observação articulando a teoria com a prática.

Neste Relatório as técnicas de recolha de dados foram a observação e os questionários efetuados tanto às educadoras como aos encarregados de educação. A observação serviu para recolher dados da sala onde fiz a minha prática supervisionada. Os questionários serviram para recolher informação relativa às conceções das educadoras de infância e dos encarregados de educação sobre as potencialidades da ExDra e do jogo no desenvolvimento da criança e as suas práticas pedagógicas.

Através da análise dos questionários, referidos anteriormente, posso concluir que foram dados extremamente importantes, na medida que cheguei a algumas conclusões sobre a problemática inicialmente apresentada.

Os resultados apresentados indicam que a maioria das educadoras têm presente que a ExDra e o Jogo são importantes para o desenvolvimento integral das crianças. Contudo, apesar de terem presentes a sua importância, as atividades apresentadas, por vezes, não são as mais adequadas ou simplesmente não são efetuadas, como afirmam os Encarregados de Educação, uma vez, que não tiveram a oportunidade de visualizar nenhuma.

Por outro lado, os pais também têm consciente a importância da ExDra e do jogo no desenvolvimento dos seus educandos e gostariam de presenciar atividades lúdicas em que as crianças se possam desenvolver. Neto (1995:69) adianta que as atividades como jogos são “ *um momento preciso para que o educador possa manter uma atividade de escuta e de observação das características motoras, simbólicas, afetivas e relacionais das crianças*”.

PARTE C: A PRÁTICA PROFISSIONAL

4.1 CAPÍTULO IV-CONTEXTUALIZAÇÃO DA PRÁTICA PROFISSIONAL

4.1.1 O contexto educativo

O Relatório aqui documentado realizou-se num Jardim de Infância da rede pública, sob a tutela do Ministério da Educação, em contexto urbano. Localizado no Alto Alentejo, tem por nome Agrupamento nº 2 Cristóvão Falcão, de Portalegre, incorporando a EB1 e o Jardim de Infância da Corredoura, coordenado por uma diretora do estabelecimento.

A EB1 e JI da Corredoura localizam-se no Parque Miguel Bombarda, outrora rua do Calvarinho, atualmente conhecido como jardim da corredoura.

Em 1901 construiu-se a primeira escola que hoje dá lugar à escola da Corredoura. Efetuaram-se várias obras de beneficiação e conservação neste edifício escolar. A necessidade de criação de mais espaço, associada à necessidade de manutenção constante, fez com que no ano letivo de 2005/2006 a escola sofresse uma profunda remodelação.

O jardim de infância referenciado é composto por duas salas, a sala 1 e a sala 2, com 45 crianças no total, 20 da sala 1 e 25 da sala 2. As salas são constituídas por grupos heterogéneos de crianças. Na sala 1 existe uma criança com necessidades educativas especiais (sofre de microcefalia). A diversidade etária pelas duas salas é a seguinte: o jardim de infância conta com um total de quatro crianças de três anos, catorze de quatro anos, vinte e uma de cinco anos e seis de seis anos de idade. Cada sala possui uma Educadora responsável e uma assistente operacional. Do jardim de infância fazem parte ainda três assistentes operacionais. No que respeita ao grau de participação da família temos observado que são bastante atentos e preocupados, mostrando uma grande disponibilidade de participação nas atividades letivas. Este jardim-de-infância conta apenas com cinco pessoas no seu estabelecimento: duas educadoras e três assistentes operacionais (Etelvina, Conceição e Carlos). As primeiras têm como horário de serviço o correspondente à componente letiva (5horas de serviço) - das 9h às 15h30, onde o tempo dispensado para a refeição compreende-se entre as 12h30min e as 14h; já os assistentes operacionais têm o horário de serviço compreendido entre as 8h e as 18h.

O Jardim de Infância conta com uma Educadora de apoio e Terapeutas que apoiam a criança com necessidades educativas especiais e outras crianças que foram já sinalizadas. A nível da contribuição financeira dos pais, apenas sabemos que pagam as

refeições. Ainda existe uma criança, cuja língua materna não é o português (ucraniano), pois quase todas as crianças são provenientes dos arredores.

O horário de funcionamento do Jardim de Infância é das oito da manhã às dezoito da tarde. O horário do Jardim de Infância corresponde à componente letiva e à componente de apoio à família. O horário das atividades letivas corresponde ao período da manhã, das nove ao meio dia e meia, e da parte da tarde, das catorze às quinze e trinta. A componente de apoio à família funciona de segunda a sexta-feira, das oito às nove horas, das doze e trinta às catorze horas e das quinze e trinta às dezoito horas.

No período de interrupção das atividades letivas, o horário de funcionamento é das oito às dezoito horas. No que concerne ao horário destinado ao atendimento dos pais/ encarregados de educação, é realizado nas primeiras segundas-feiras de cada mês, das doze horas e trinta minutos às treze horas e trinta minutos.

No que diz respeito ao espaço interior deste jardim-de-infância, o mesmo é constituído por duas salas de atividades e pelo refeitório, sendo que, neste último, se encontram os cabides para as crianças da sala 2 colocarem as suas mochilas, (as crianças da sala 1 colocam os seus pertences dentro da sua respetiva sala), uma casa de banho para os adultos, uma televisão, dois lavatórios, mesas, uma cozinha e armários para arrumação. Em termos gerais o espaço encontra-se sempre limpo e arrumado.

O espaço exterior deste estabelecimento cinge-se ao ginásio e à rua (pátio) que envolve toda a Instituição, onde se pode encontrar um pequeno parque de areia. No pátio existem poucos materiais para as crianças brincarem, levando a que algumas crianças optem por trazer brinquedos de casa. O ginásio e o recreio estão vigiados pelas assistentes operacionais e educadoras sempre que as crianças se encontram presentes.

Salas	Idades	Nº de crianças	Nº de Educadores	Nº Auxiliares
Sala 1	4, 5, 6	20	1	1
Sala 2	3,4,5,6	25	1	1

Tabela 2: Número de crianças e adultos no estabelecimento

Nomes	Categoria	H. de entrada	H. de saída
Conceição	Assistente Operacional	8.00 horas	18.00 horas
Etelvina	Assistente Operacional	8.00 horas	18.00 horas
Carlos	Auxiliar	8.00 horas	18.00 horas
Educadoras	Educador	9.00 horas	15.30 horas

Tabela 3: Horários das pessoas que trabalham no Jardim de Infância

A sala de atividades educativas

A organização do espaço da sala de atividades teve por base a criação de oportunidades de manipulação, experimentação, recriação e descoberta realizadas em pequeno ou grande grupo. Como se salienta nas OCEPE:1997

“Os espaços de educação pré-escolar podem ser diversos, mas o tipo de equipamento, os materiais existentes e a forma como estão dispostos condicionam, em grande medida, o que as crianças podem fazer e aprender”. A organização e a utilização do espaço são expressão das intenções educativas e da dinâmica do grupo, sendo indispensável que o educador se interrogue sobre a função e finalidades educativas dos materiais de modo a planear e fundamentar as razões dessa organização.” (Silva, 1997:37-38)

Todo o espaço foi organizado de forma a possibilitar a exploração livre e organizada, bem como o acesso a todos os materiais existentes. Houve a preocupação de colocar certas áreas em locais mais calmos como, por exemplo, a área da biblioteca.

As áreas da sala estão delimitadas com armários baixos, apresentando limites bem definidos e reconhecíveis de modo a permitirem às crianças uma boa visualização de todas, no sentido de poderem ver os materiais que contêm e as atividades que os amigos estão a desenvolver em cada uma. A organização da sala por áreas é indispensável para a dinâmica do grupo, para que lhes seja permitido uma maior autonomia e responsabilidade e *“para que as crianças possam ter o maior número possível de oportunidades de aprendizagem pela ação e exerçam o máximo controlo sobre o seu ambiente”* (Hohmann e Weikart, 2009:163).

Ao entrar-se na sala 2 de atividades, com um espaço de 59,5 m², deparamo-nos com uma larga e longa bancada, que contém dois lavatórios reservados para a pintura e consumo de água. Na bancada, estão colocados vários dossiês, das diferentes crianças do grupo, que contêm trabalhos elaborados ao longo do período. Na parte de baixo da bancada existem prateleiras onde são colocados trabalhos acabados e inacabados, realizados ao longo das sessões, e ainda alguns armários para arrumação.

A sala está organizada por áreas, destacando-se a área da expressão plástica. Esta, encontra-se próxima da bancada com lavatório, a sua proximidade é intencional dado que permite a lavagem de mãos e mistura de tintas imediatamente. A área da expressão plástica tem um quadro com as respetivas tintas, folhas e aventais para que as

crianças possam vestir-se. Integra ainda material variado para pintura, desenho, modelagem, recorte e plasticina. As crianças podem registar situações que observaram ou imaginaram, projetos que fizeram, utilizando lápis, marcadores, tintas, papéis, pastas de moldar, cola, tesouras e diverso material de desperdício. O objetivo desta área não é o resultado em si, mas sim que a criança possa experimentar as diferentes possibilidades dos materiais.



Ilustração 8: Área da Expressão Plástica

A área da Matemática contém um armário com várias fichas e jogos, que estão acessíveis ao manuseamento por parte das crianças. Estas podem livremente realizar várias tarefas e desenvolver o domínio da matemática.



Ilustração 9: Área da Matemática

A área da garagem e construções possui material variado de encaixe em plástico e madeira, blocos, caixas, legos, carros e um tapete em forma de estrada.



Ilustração 10: Área da garagem e construções

A área dos jogos encontra-se próxima da área da garagem. Nesta área, a criança tem possibilidade de trabalhar, individualmente ou em grupo, puzzles, dominós, blocos de encaixe, e uma enorme variedade de jogos e materiais para manipulação. Aqui, as crianças “*separam coisas, voltam a reuni-las, encaixam, encolhem, emparelham, comparam, constroem modelos*” (Weikart, Hohmann, e Banet, 1979:65). Na sua área de jogos, as crianças exploram, manipulam e brincam.



Ilustração 11: Área dos Jogos

A área da casinha integra a cozinha, um quarto, uma mercearia, um cabeleireiro com mobiliário de acordo com os padrões reais, mas em tamanho das crianças. Aqui as crianças podem encontrar e explorar bonecas e objetos relacionados com a cozinha. Envolvem-se em atividades de encher e esvaziar, colocando as bonecas nas suas camas, tiram tudo dos armários. Elas imitam as coisas que veem aos elementos da sua família como por exemplo: falar ao telefone, pôr a mesa, etc. Têm a possibilidade de brincar ao “faz de conta”.



Ilustração 12: Área da casinha

Na área da biblioteca as crianças encontram livros disponíveis, comprados, requisitados, emprestados ou feitos por elas, decorrentes de projetos ou atividades anteriores. Como é uma das áreas mais repousantes, a criança pode visualizar livros, ouvir histórias, interpretar as imagens e criar as suas próprias histórias.

Esta área deverá ser um local acolhedor, onde as crianças possam facilmente encontrar e apreciar livros de um modo relaxamento. Segundo um estudo realizado pelo linguista Gordon Wells (1986), os melhores leitores tinham ouvido cerca de 6000 histórias entre o nascimento e os 5 anos de idade. Uma área de livros agradável para as crianças pode fazer diferença na vida destas.



Ilustração 13: Biblioteca

Na área do médico as crianças têm a oportunidade de recriar situações do dia-a-dia e imaginar. Permite que as crianças trabalhem em conjunto ou individualmente. É propícia ao desempenho de papéis sociais, normalmente, relativos às profissões, assim como a área da casinha.



Ilustração 14: Médico

Na área do computador as crianças têm a possibilidade de mexer e tomarem contato com as novas tecnologias, jogarem e ouvir música.

O computador favorece no acesso a jogos didáticos. Nesta área, existe ainda um leitor de CD's para que as crianças possam ouvir músicas/canções.



Ilustração 15: Área do computador

A zona de trabalho em grande grupo, mais propriamente a zona do tapete, é um espaço onde todo o grupo se reúne, no sentido de desenvolver o sentimento de pertença a uma comunidade. Nesta zona, podem fazer-se diversas atividades: acolhimento, conversas de interesse, organização do trabalho, planificação/avaliação, leitura de histórias, canções ou jogos. Na sala encontram-se mesas e cadeiras onde as crianças desenvolvem diferentes atividades didáticas e lúdicas.

Segundo a Educadora, todos os anos tenta modificar a disposição da sala, de acordo com a sua forma de trabalhar e com as características do grupo, rentabilizando os recursos existentes. É importante que a educadora organize a sala de atividades, de acordo com o grupo, tendo em conta os recursos existentes.

É fulcral que a educadora tenha atenção à qualidade pedagógica dos materiais, pois, através destes a criança realiza aprendizagens significativas. Considera (Oliveira-Formosinho, 2007:68) que “*o ambiente rico em materiais (usados em grupos de pares, em contextos de projetos significativos) tem todas as condições para provocar essas aprendizagens.*”

A sala 2, conta com casas de banho para as crianças, uma pequena arrecadação e uma lareira.

Os materiais disponíveis na sala de atividades são variados incluindo lápis, canetas, vários tipos de folhas, materiais didáticos, fichas, entre outros utensílios.

Perto do espaço do refeitório existem vários cabides, identificados com os respetivos nomes das crianças, e, por cima, placares, com trabalhos realizados por estas. Neste espaço não existem dormitórios.

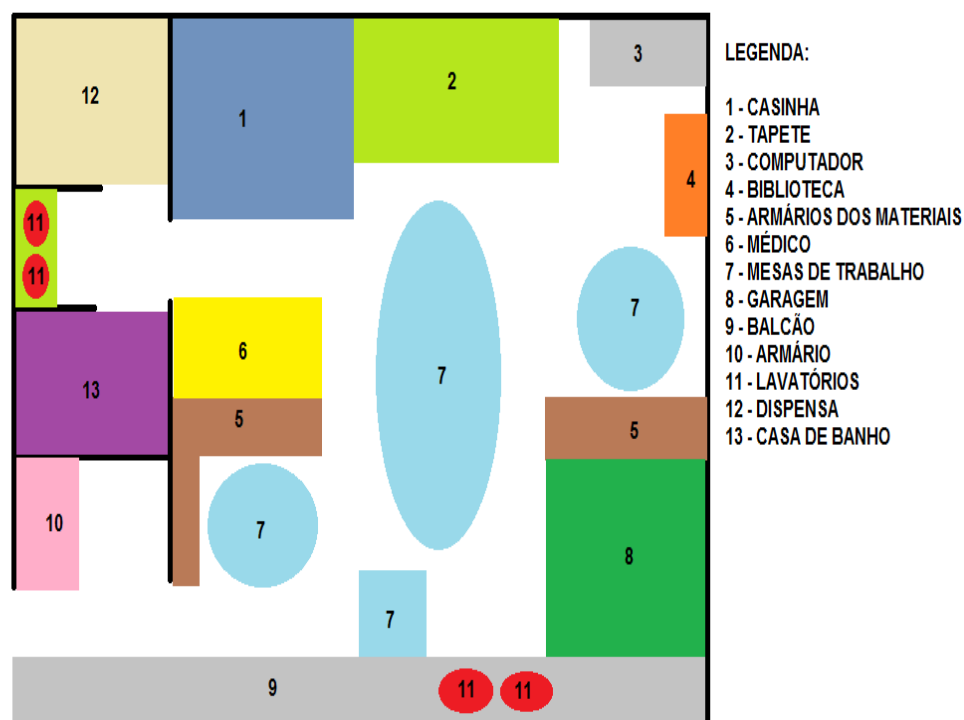


Ilustração 16: Planta da sala

A equipa educativa

A Educadora tem a responsabilidade de proporcionar à criança meios de construção de aprendizagem, não podendo, contudo, esquecer que quando a criança

chega ao jardim-de-infância é fruto do meio social do qual é proveniente, transportando consigo experiência e saberes anteriores. Cabe ao Educador fortalecer, valorizar e iniciar a sistematização desses saberes e experiências, proporcionando aprendizagens cada vez mais complexas e significativas para a criança, encorajando-a a resolver problemas e a iniciar novas experiências de aprendizagem. O papel do educador será de observar e apoiar e, posteriormente, o de analisar a observação e tomar decisões ao nível de novas propostas educacionais para a criança individual (Oliveira Formosinho, 1998) valorizando a aprendizagem ativa, contextual, cultural e a construção de significados pelas crianças.

Perante o que observei, a Educadora possui um papel orientador e mediador das aprendizagens. A sua função centra-se na introdução das atividades planeadas, adequando-as aos conhecimentos e capacidades de cada criança, podendo dar um apoio individualizado às crianças com mais dificuldades, dando assim resposta a todas as crianças.

A ação educativa é norteada pelos seguintes pressupostos, tal como são apontados nas Orientações Curriculares: o desenvolvimento e a aprendizagem são vertentes inseparáveis; o reconhecimento da criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem; a construção do saber processa-se de uma forma articulada e com uma resposta educativa a todas as crianças.

Após algumas semanas de observação na sala com a educadora, foram-me facultadas informações sobre a mesma, para uma melhor compreensão da sua prática pedagógica.

A educadora é Licenciada tem um Curso de Especialização na área da Supervisão Pedagógica, exercendo a sua profissão, com funções de atividade docente, ao longo de 22 anos, sendo que os últimos três anos foram no estabelecimento em observação, o Jardim de Infância da Corredoura. Contudo, estes 22 anos de serviço não foram exercidos apenas em jardins de infância da rede pública, pois, um ano foi no Ensino Particular e Cooperativo e oito anos numa IPSS, o que significa que a educadora exerce a sua profissão na rede pública de jardim-de-infância ao longo de 11 anos.

Apesar de a educadora ter alguma experiência a trabalhar com crianças com NEE, não adquiriu nenhuma específica nessa área.

A Educadora passa cinco horas por dia com crianças, estando concebida uma componente não letiva em programação de atividades e organização de materiais.

Escolheu a profissão de Educadora pelo gosto que a mesma lhe suscita e pelo nível de ensino. No que diz respeito à questão de melhoramento no ensino pré-escolar, a Educadora gostaria de trabalhar com grupos mais homogêneos e reduzidos.

Para além de todos os aspetos referidos anteriormente, acerca da prática educativa da educadora, importa mencionar que esta frequentou 7 dos 18 cursos mencionados na ficha DQP, sendo esses sete cursos: o “Projeto Educativo”, as “Atividades Lúdicas/Jogos”, a “Educação para a Saúde”, o “Desenvolvimento Curricular/Modelos Curriculares”, a “Organização do Espaço, dos Materiais, do Tempo”, a “Organização do Grupo”, a “Articulação com o 1º Ciclo” e, por último, as “Novas Tecnologias (computadores) ”.

As assistentes operacionais dos jardins de infância têm sempre uma participação importante na realização de oportunidades educativas planeadas pelo educador de modo a enriquecer o processo educativo, bem como alargar as interações das crianças. É importante o pessoal auxiliar estar sempre presente nas reuniões das instituições e na elaboração dos projetos educativos dos estabelecimentos, pois é um contexto em que tem de haver uma equipa de adultos com um papel na educação das crianças.

Neste contexto costuma haver duas assistentes operacionais na nossa sala de atividades, sendo que uma delas está a estagiar e intervém só em certos dias.

A auxiliar da nossa sala, com o 9º ano de escolaridade, não possui formação profissional para exercer a função que desempenha, no entanto, tem formações em outras áreas que não deixam de ser importantes na educação pré-escolar, tais como formação em higiene e segurança no trabalho, socorrismo, informática e cozinha.

Relativamente à experiência com crianças com necessidades educativas especiais, foi adquirindo ao longo dos 25 anos de serviço, incluindo 5 anos em ATL.

Segundo a assistente operacional, ajuda a educadora na sala com as crianças, na realização das atividades e no momento das crianças a fazerem a higiene, no refeitório ajuda com as refeições e assim que termina, ao fim do dia, arruma e limpa a sala de atividades.

O que lhe dá mais satisfação, no seu trabalho, são as crianças, o prazer de as ajudar em tudo e o que elas lhe transmitem, sendo estas as razões que a levaram a escolher esta profissão. No entanto, para melhorar a sua atividade profissional a assistente operacional gostava de ter uma formação profissional para enriquecer e valorizar mais o seu trabalho.

Contudo, se pudesse ter acesso à formação em serviço, os temas que lhe despertam maior interesse são os seguintes: observação/avaliação/registo; Desenvolvimento das crianças; Organização de atividades educativas; Atividades lúdicas/jogos; Crianças em risco; Primeiros socorros/Educação para a saúde; Trabalho com pais.

Através da observação e interação com a assistente operacional, constatei que tem uma boa interação com as crianças bem como com a educadora da sala. Em relação ao seu trabalho com as crianças, no que diz respeito à higiene, nas idas à casa de banho e lavatórios, está sempre lá presente quando é pedido, prestando o auxílio necessário, bem como durante as refeições ao longo do dia.

O grupo

A informação sobre as características do grupo da sala dois foi recolhida através do Projeto Curricular de grupo e de uma observação atenta às crianças.

A Sala 2 é constituída por um grupo heterogéneo com idades compreendidas entre os três e os seis anos. Das vinte e cinco crianças que constituem o grupo, quatro têm três anos, sete têm quatro anos, nove têm cinco anos e cinco têm seis anos, sendo que quinze são meninos e dez são meninas. No que corresponde ao nível de maturidade, as crianças que constituem o grupo apresentam níveis muito diferentes, mesmo nas crianças da mesma idade. Deste modo, o grupo dos três anos apresenta um nível de desenvolvimento adequado à idade. No grupo dos quatro anos, algumas crianças apresentam um desenvolvimento abaixo do esperado para a idade. Relativamente ao grupo das crianças que irão transitar no próximo ano letivo para o primeiro ciclo, a maioria apresenta grandes dificuldades, não só relativamente à maturidade e às competências adquiridas, mas também, ao nível comportamental. Na caracterização deste grupo deve constar a existência de duas crianças com necessidade de serem apoiadas ou sinalizadas. No que concerne à assiduidade, a maioria são assíduas, mas não pontuais. No que se refere ao nível comportamental, é um grupo bastante agitado e conversador.

Idade	Sexo	1ª Vez	2ª Vez	3ª Vez	4ª Vez	Total
3 Anos	F	3				3
	M	1				1
4 Anos	F	3	2			5
	M	2				2
5 Anos	F					
	M	3	6			9
6 Anos	F	2				2
	M	1		2		3
Total	F	8	2			10
	M	7	6	2		15

Tabela 4: Número de crianças por idades, sexo e anos de frequência

PARTE D: REFLEXÃO SOBRE A PRÁTICA SUPERVISIONADA

5.1 CAPÍTULO V - PRÁTICA SUPERVISIONADA

Cabe ao educador refletir sobre a sua prática educativa. Esta reflexão é fundamental para o aperfeiçoamento e, principalmente, para a consciencialização e respeito da importância do seu trabalho.

Portanto, a minha prática pedagógica foi desenvolvida com o objetivo de corresponder às necessidades e motivações das crianças da sala 1.

Antes de iniciar a minha prática pedagógica foi essencial conhecer o jardim de infância, nomeadamente a sala 1, de forma a perceber o trabalho efetuado pela Educadora e entender os interesses e necessidades das crianças. As observações efetuadas no 1º semestre foram fundamentais para a minha intervenção, já que me fizeram sentir mais segura e confiante, possibilitando-me conhecer melhor o grupo, os seus gostos e as suas características. Deste modo,” a *observação constituiu a base do planeamento e da avaliação, servindo de suporte à intencionalidade do processo educativo*”. (Ministério da Educação,1997:25).

Durante a minha prática pedagógica, respeitei e estive atenta às individualidades das crianças do grupo, encarei as crianças “*como sujeitos portadores de conhecimentos e construtores ativos da sua própria aprendizagem, com direito a participar e a ter voz no processo educativo*”, tal como refere Oliveira- Formosinho (2007:27)

“Preconiza-se a instituição de um quotidiano educativo que conceitualiza a criança como uma pessoa com agência, não à espera de ser pessoa, que lê o mundo e o interpreta, que constrói saberes de cultura, que participa como pessoa e como cidadão na vida da família, da escola, da sociedade”.

Ainda, durante a minha prática pedagógica norteei o meu trabalho com base nas Orientações Curriculares para a Educação de Infância, aprovadas pelo despacho nº5220/97 (II série), de 10 de Julho, publicado no Diário da República nº 178, II série, de 4 de Agosto. As OCEPE, apesar de não funcionarem como um programa, constituem-se como uma orientação para os Educadores de Infância, pois são bastante flexíveis.

No que diz respeito ao modelo pedagógico, enquanto estudante de mestrado, optei por seguir a linha dos modelos curriculares: High Scope e Movimento da Escola Moderna e Pedagogia de Projeto.

Como diz João Formosinho (1996:40) “ *a adoção de um modelo pedagógico é um fator de sustentação (...) a adoção de um modelo pedagógico, são as melhores garantias que um grupo profissional docente tem para sustentar uma autonomia docente, quer a nível individual, quer ao nível coletivo*”.

O modelo High-Scope pressupõe a aprendizagem ativa da criança, ou seja, acredita que as vivências diretas e imediatas que as crianças vivem no seu dia-a-dia são muito importantes se a criança retirar delas algum significado através da reflexão. Na minha prática pedagógica tentei dar a autonomia adequada às crianças para que estas fossem “construtoras das suas aprendizagens”.

Como referem Hohmann e Weikart (1995: 76)

“ A sala da educação pré-escolar é um núcleo gerador (...) Sendo fundamental que o adulto compreenda o que é um “clima de apoio” para a criança, tal como é indispensável que se aproprie das estratégias para criar esse clima, é nele que a criança desenvolve a autonomia, a capacidade para a independência, a exploração e as ligações afetivas e sociais. É neste clima que a criança se vai criando como um ser social simultaneamente autónomo e dependente.”

O currículo High-Scope atribuiu uma grande importância ao planeamento da estrutura da educação pré-escolar e a seleção dos materiais adequados. As crianças integradas num contexto de aprendizagem ativa têm a oportunidade de realizar escolhas e tomar as suas próprias decisões. Os adultos dividem o espaço de brincadeira em áreas de interesse que contêm matérias facilmente acessíveis que as crianças podem escolher.

Aliás, Lilian Katz (1996) lembra que os educadores têm de respeitar os interesses, os valores e a competência da criança, tal facto, só pode acontecer se organizar a sala quer o programa de atividades para responder às suas necessidades e interesses, para estimular a experimentação e a cooperação.

No decorrer da minha prática senti-me identificada com este modelo curricular. Mas a minha prática não foi a representação só deste modelo, primeiramente, porque tinha de respeitar a prática da educadora titular, depois, porque a organização da sala de atividades e materiais já estavam estabelecidos segundo a prática da educadora.

Assim, também na minha prática “tentei”, aplico a palavra “tentei”, porque nem sempre é fácil aplicar um modelo, uma vez, que aquela sala já tinha normas e regras impostas, contudo empreguei outros modelos curriculares como o Movimento Escola Moderna (MEM) e a Pedagogia Projeto.

Ainda, no desenrolar da prática, tive em conta vários aspetos relativamente à sala de atividades, nomeadamente o grupo de crianças com quem estava a trabalhar, as rotinas e as suas regras, as características e a organização da sala de atividades e ainda o material que tinha disponível. Para além de ter em conta todos os aspetos inerentes ao jardim de infância, tive o cuidado de todas as semanas planificar um conjunto de atividades, bem como fazer a seleção de temáticas adequadas às semanas. Inicialmente foi um processo difícil, uma vez que não sabia a reação das crianças, mas com a ajuda da Educadora Titular e o conhecimento do grupo, foi um obstáculo a ser ultrapassado.

No decorrer dos dias tentei organizar as atividades que suscitassem o interesse nas crianças. Nem sempre foi tarefa fácil, pois o grupo era constituído por 25 crianças e conseguir acompanhar e motivá-las a todas ficou muitas vezes aquém de que eu gostaria. Também no que se refere à organização do grupo, inicialmente comecei por trabalhar em grande grupo, mas gradualmente apercebi-me que não estava a resultar e tentei modificar a minha estratégia.

Durante o dia, antes e depois das atividades, tentei reunir o grupo no tapete, explicando e depois refletindo um pouco sobre as atividades desenvolvidas. Nestes momentos tentei promover o diálogo, a partilha de ideias e essencialmente criar momentos de reflexão. A respeito dos materiais utilizados, tentei sempre que possível criá-los sem recorrer a “materiais feitos” para aprender sempre mais e consequentemente me valorizar enquanto profissional.

Na execução das planificações semanais, antes de criá-las pedi opiniões e sugestões à Educadora Titular e tentei incluir nas atividades desenvolvidas as principais áreas de conteúdo estabelecidas nas OCEPE. Gostaria de salientar que nem sempre foi possível incluir as atividades do meu tema de trabalho “O Jogo e a Expressão Dramática” porque, por vezes, as atividades não se adequavam ao tema da semana, ou por falta de motivação das crianças. Contudo, sempre que era possível tentei implementá-las.

As áreas de conteúdo que foram surgindo nas planificações semanais são, a área de Formação Pessoal e Social, a área da Comunicação e Expressão (domínios da Linguagem Oral e Abordagem à escrita, Matemática, Expressão Motora, Expressão Dramática, Expressão Plástica e Expressão Musical) e a área do Conhecimento do Mundo.

Deste modo, a área do Desenvolvimento Pessoal e Social é como uma área integradora e transversal às demais áreas de conteúdo. Exercitei atividades em que as

crianças tivessem a oportunidade de criar momentos de socialização numa perspetiva de educação para os valores.

No domínio da Linguagem e a Abordagem à Escrita recorri com grande frequência às histórias que depois eram interpretadas, quer a nível da discussão da história quer na realização do desenho da história e ao diálogo. Apostei na criação de histórias, dando várias imagens sugestivas às crianças e, depois, estas, tinham de “inventar” uma história a partir das mesmas; na declamação de poemas e no contato com diferentes suportes de escrita.

No domínio das diferentes formas de expressão (motora, dramática, plástica e musical), diversifiquei as situações e experiências de aprendizagem. Deste modo, “ *A criança vai dominando e utilizando o seu corpo contatando com diferentes materiais que poderá explorar, manipular e transformar de forma a tomar consciência de si próprio em relação aos outros*” (OCEPE, 1997:57)

A nível da Expressão Motora tentei desenvolver nas crianças a motricidade global, desenvolvendo atividades variadas em que as crianças conhecessem o seu corpo e as suas potencialidades expressivas e comunicativas. Para tal apostei com mais frequência em jogos de movimento, uma vez que me serviram para o desenvolvimento do trabalho que pretendia abordar no meu relatório final.

Na Expressão Dramática “ *sendo um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o (s) outro (s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais*” (OCEPE,1997:59), criei atividades que fomentassem o jogo simbólico, originando situações de comunicação verbal e não-verbal; fomentei o jogo faz de conta nas crianças, registando momentos em que as crianças tiveram a possibilidade de realizar; criei momentos de jogo dramático e recorri à utilização do uso de marionetas de luvas, marionetas de dedo e sombras chinesas.

Ao nível da Expressão Musical penso que foi um dos domínios que menos trabalhei, apenas realizei atividades de aprendizagem de canções, de aprender a escutar e ainda dançamos.

Relativamente à Expressão Plástica promovi o contacto com diferentes materiais, valorizei sempre o processo de exploração e descoberta, com atividades de desenho, pintura, digitinta, recorte, rasgagem e colagem.

O domínio da Matemática, tal como o domínio da Expressão e da Comunicação, estiveram sempre presentes na sala, através de situações de rotina diária, nomeadamente nas contagens das crianças da sala. Como dizem as OCEPE 1997:73 “*cabe ao educador*

partir das situações do cotidiano para apoiar o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático, internacionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas”. Parti, muitas das vezes, de situações de brincadeira para desenvolver as diferentes atividades. Das atividades propostas tentei incluir atividades de classificação de formar conjuntos de seriação e ordenação de números e de padrões.

Para finalizar, a área do Conhecimento do Mundo integra os domínios das ciências do meio físico e social. Nas atividades que propus procurei responder à curiosidade natural das crianças e ao seu desejo de saber e compreender o ambiente que as cerca e que está ao alcance das suas percepções e experiências. Na minha intervenção educativa desenvolvi um processo de ensino aprendizagem em que a observação a experiência e o conhecimento estiveram presentes em todas as atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração deste Relatório Final, além de ter contribuído para alargar conhecimentos na minha formação profissional, permitiu-me conhecer e pesquisar um tema que é do meu agrado e que me suscitou bastante interesse.

Este Relatório teve como finalidade a apresentação de um percurso vivido numa sala de jardim de infância, tanto na sua vertente teórica como prática.

Relativamente à minha prática, nem sempre foi fácil, mas tentei sempre demonstrar que estava disponível para aprender e colaborar. Posso salientar que foi um ano muito rico, uma vez que tive muitos obstáculos e tentei ultrapassá-los. Pensei muitas vezes em desistir mas, a minha força, e resistência, foram maiores que todos os problemas que surgiram.

Na minha intervenção tentei enquadrá-la no Perfil de desempenho profissional do Educador de Infância (DL nº 241/2001 de 30 de agosto), *“Como forma de garantir uma preparação profissional sendo capaz de dar resposta a exigências atuais do ensino, como por exemplo, a inclusão, a aprendizagem significativa, o respeito pelos interesses e ritmos de aprendizagem das crianças”*. Durante as diferentes semanas empreendi as diferentes áreas do currículo e clarifiquei os seus principais objetivos.

Para a realização do processo educativo utilizei planificações, procurando integrar as diferentes áreas de conteúdo em função das necessidades de aprendizagem das crianças e das Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar.

Em todo o processo vivido constatei que o educador deve proporcionar uma diversidade de materiais no que concerne à exploração da criatividade e imaginação das crianças, não devendo condicionar nem limitar o acesso a diferentes materiais e recursos.

Recorri ou tentei recorrer a uma pedagogia diferenciada, atendendo à diferenciação de conteúdos, de atividades em situações concretas e às características das crianças, aos seus interesses e ritmos de aprendizagem, colocando-as no centro do processo formativo. A potencialidade de um ensino desta natureza proporciona o desenvolvimento do poder de autonomia e decisão na escolha do trabalho que as crianças pretendem realizar.

Neste sentido, para Boal e outros (1996:19), quando referem que cada educador deverá ver o ser diferente de todos os outros, com especificidades próprias,

condicionadas e condicionantes, e ajudá-lo a encontrar o melhor caminho para o seu próprio processo de aprendizagem.

Conclui-se, portanto, através deste Relatório, que tanto as brincadeiras, quanto os jogos, representam atividades imprescindíveis e essenciais para o desenvolvimento infantil, em crianças dos 0 aos 6 anos de idade, porquanto, favorecem o desenvolvimento da autoestima e da criatividade. Neste caso, pretende-se mostrar a necessidade da Expressão Dramática. Todos os seus conteúdos devem ser valorizados e vistos pelos educadores como um excelente recurso para serem explorados, respeitando o tempo e as individualidades de cada criança.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUILAR, L. (1983). *Movimento e Drama no ensino primário- cenário pedagógico*. Faro: Teatro laboratório de faro.
- AGUILAR, L. (2011). *Expressão e Educação Dramática*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- BANDET, J & SARAZANAS, R. (1975). *A criança e os brinquedos*. Lisboa: Estampa.
- BARRET, G & LANDIER J. (1991) “ Expressão Dramática e Teatro”. Lisboa: Edições Asa
- BARTOLOMEIS, F. (1982). *A Nova Escola Infantil, as crianças dos 3 aos 6 anos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- BARROS, L. (2011). *Prática de Ensino Supervisionada em Educação Pré-Escolar*. Bragança.
- BENTO, A. (2011). *Promoção da Igualdade Género em contexto de Educação Pré-Escolar*. Portalegre
- BENTO, A & FARINHA, I. (1987). *A Expressão Dramática e a Psicologia na Escola Primária*. Edição CRAP/ESEP, Portalegre
- BENTO, A. (2003). *Teatro e Animação outros percursos no desenvolvimento sócio-Cultural no Alto Alentejo*: Edições Colibri
- BERTRAM, T & PASCAL., C. (2009). *Manual DQP. Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Lisboa: Ministério da Educação.
- BEJA, FRANCISCO ET.AL. (1993).*Drama, Pois!* Porto Editora.
- BOAL, M.^a E., HESPANHA, M.^a C., NEVES, M. B. (1996) *Educação para todos Para Uma Pedagogia Diferenciada*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- BOSKI, S. (1983). *A relaxação activa na escola e em casa*. Lisboa: Instituto Piaget.

- BRANDES, DONNA & PHILLIPS, H. (2007). *Manual de Jogos Educativos: 140 Jogos para Professores e Animadores de Grupos*. Lisboa: Editora Padrões Culturais.
- COSTA, I. (2003). *O desejo de Teatro*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- COSTA, I & BAGANHA, F. (1989). *O fantoche que ajuda a crescer*, Porto: Edições Asa.
- COSTA, I & GUIMARÃES, M. (1986). *Eu era a Mãe*, Algueirão: Editorial do M.E.C
- DOHME, V. (2010). *Técnicas de contar histórias*. Petrópolis: Editora vozes.
- EDUCAÇÃO, M. d. (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação - Departamento de Educação Básica
Gabinete para a Expansão e Desenvolvimento da Educação Pré-Escolar.
- ESTRELA, A. (1994). *Teoria e prática de observação de classes. Uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora, 4ª edição.
- FAURE, G. & LASCAR, S. (1982). *O Jogo Dramático na Escola Primária*. Lisboa: Estampa.
- FELMAN, R., OLDS, S. & PAPALIA, D. (2004). *O Mundo da criança*. Lisboa: Editora McGraw Hill
- FERRAN, P. MARRIET, F. & PORCHER, L. (1980). *Na escola do jogo*. Lisboa: Estampa.
- FORMOSINHO, J. BROWN, B., LINO, D. e NIZA, S. (1998). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.
- GARVEY, C. (1979). *Brincar*. Lisboa: Editores Moraes.
- GAUTHIER, H. (2000). *Fazer teatro desde os cinco anos*. Coimbra: ESE Coimbra.
- GLOTON, R., & CLERO, C. (1973). *A atividade criadora na criança*. Lisboa: Estampa.
- HOHMANN, MARY & WEIKART, DAVID P. (1997) *Educar a Criança*
Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- KAMII, C. (s/d). *A teoria de Piaget e a educação pré-escolar*. Lisboa Horizontes

Pedagógicos.

KISHIMOTO, T.M. (2007). *Jogo, Brinquedo, Brincadeira e a Educação*. São Paulo:

Cortez Editora

KISHIMOTO, T.M. (1998). *O Brincar e as suas teorias*. São Paulo. Pioneira

KOUDELA, I. (1984). *Jogos Teatrais*. São Paulo: Editora Perspectiva.

LANDIER, C & BARRET, G. (1994) *Expressão Dramática e Teatro*. Porto: Edições

Asa.

LEENHARDT, P. (1973). *A criança e a expressão dramática*. Lisboa: Estampa.

LEQUEUX, P. (1977). *A criança criadora de espectáculos*. Porto: Sociedade

Distribuidora de Edições, Lda.

LOPES, M. (2011). *O Saber Dramático: A construção e a reflexão*. Lisboa: Fundação

Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia.

MACHADO, M.M (1999). *O Brinquedo Sucata e a criança*. São Paulo: Edições Loyola.

MANNING, M & GRANSTROM, B. (2009). *O meu primeiro livro de Teatro*. Rio de

Mouro: Editorial Evergráficas, S.L.

MARQUES, R. (1980). *A criança na Pré-Escola*. Lisboa: Livros Horizonte.

MARTINS, A. (2002). *Didáctica das expressões*. Lisboa: Universidade Aberta.

MARTINS, I. P. (2009). *Despertar para a ciência. Actividades dos 3 aos 6*. Lisboa:

Ministério da Educação, Direcção - Geral de Inovação e Desenvolvimento

Curricular .

MÁXIMO-ESTEVES, L (2008) *Visão panorâmica da investigação ação*. Porto: Porto

Editora.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO- Departamento da Educação Básica (1995). *Dos 3 aos*

5 anos no jardim de infância.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (1998). *Qualidade e Projecto na Educação Pré-Escola*

Lisboa: Ministério da Educação- Departamento da Educação Básica- Núcleo de

Educação Pré-Escolar.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (2009). *Metas de Aprendizagem para a Educação*

Pré-Escolar. Lisboa: Ministério da Educação.

MONTEIRO, F. R. (1994). *Jogos Dramáticos*. São Paulo: Ágora.

NETO, C. (2003). *Jogo e Desenvolvimento da Criança*. Cruz Quebrada: Faculdade de Motricidade Humana.

NETO, C. (2001). *Motricidade e Jogo na Infância*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.

NOVELLY, C. (1996). *Jogos teatrais*. S. Paulo: Papyrus Editora.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (2008). *A escola vista pelas crianças*. Porto: Porto Editora.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (2007). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância- Construindo uma praxis de participação*. Porto Editora, 3ª edição.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (1996). *Modelos Curriculares para a Educação de Infância*. Porto: Porto Editora.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J. (2007). *Pedagogia (s) da Infância. Reconstruindo uma Praxis de Participação*. Porto: Porto Editora.

PACHECO, N. & ARAÚJO, M. (Org.). (2009). *Expressões: Espaços e Tempos de Criatividade*. Maia: Edição: E: etc / LIVPSIC.

PASCAL, C., & BERTRAM, T. (1999). *Desenvolvendo a Qualidade em Parcerias*. Nove Estudos de Caso. Porto: Porto Editora.

PEREIRA, J & LOPES, M. (2007). *Fantoches e outras formas animadas no contexto educativo*. Amarante : Edição Intervenção.

PEREIRA, I & DIONÍSIO, M. (2006). *A Educação Pré-Escolar em Portugal*. Florianópolis: Perspectiva

ROSEN, L., BORGENICHT, J. (2009). *Jogos e actividades para bebés e crianças*.

- Lisboa: Arte Plural Edições.
- RYNGAERT, J.P. (1981). *O Jogo dramático no meio escolar*. Lisboa: Centelha
- SARACHO, O. & SPODEK.B. (1998) *Ensinando crianças de três a oito anos*.
Porto-Alegre-Brasil: Artmed.
- SANTOS, P. (1999) *Brinquedo e Infância: Rio de Janeiro: Vozes*.
- SILVA, M. (2002). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. (2ª ed).
Lisboa: Ministério da Educação.
- SOUSA, A. (1972). *A Educação pelo Movimento Expressivo*. Lisboa : Básica Editora.
- SOUSA, A. (1980). *A Expressão Dramática*. Lisboa: Básica Editora
- SOUSA, A. (2003). *Educação pela Arte e Artes na Educação- Volume II*.
Lisboa: Horizontes Pedagógicos.
- SOUSA, F & FERREIRA C. “*Relatório Final de Observação e Cooperação Supervisionada*”. Portalegre: Escola Superior de Educação de Portalegre.
Relatório não editado.
- SOLÉ, B. M. (1992). “*O Jogo infantil*”, organização das ludotecas. Lisboa: Instituto de Apoio à criança.
- SPODEK, B. (2002). *Manual de Investigação em Educação de Infância*: Lisboa:
Fundação Calauste Gulbenkian.
- SILBERG, J. (2009) *Bebés Inteligentes- Jogos para brincar e Aprender*. Cascais: Vogais & companhia, Edições Lda.
- TERUAL, M. TOMÁS & TEJEDO, F. (2007) “*Prácticas e Dramatización*”. Ciudad Real: Ñaque Editora.
- TEJERINA, I., (1994). *Dramatización y teatro infantil*. Madrid: Siglo Vientiuno editores.
- TROADEC, B., & MARTINOT, C. (2009). *O desenvolvimento cognitivo: Teorias actuais do pensamento em contextos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- ZABALZA (1998). *Qualidade em Educação Infantil*. Porto Alegre: Artmed.

REVISTAS

- Revista da Escola Superior de Educação de Portalegre nº8 Julho 89. *Aprender* (1989) *Hoje há teatro*.

LEGISLAÇÃO

- Lei nº 46/86 de 14 de Outubro: Lei de Bases do sistema Educativo;
- Lei nº 5/97 de 10 de Fevereiro: Lei- Quadro da Educação Pré-Escolar;
- Circular nº 17/ 2007 de 10 de Outubro: Gestão do Currículo na Educação Pré-Escolar;
- Despacho nº 5220/97 de 10 Julho- Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar;
- Despacho 5/97, de 10 de Fevereiro- Lei-quadro da Educação Pré-Escolar;
- Despacho Conjunto nº 268/97 de 25 de Agosto: Requisitos pedagógicos e técnicos para a instalação e funcionamento de estabelecimentos de educação pré-escolar;
- Decreto-Lei nº 240/2001 de 30 de Agosto: Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básicos e secundário;
- Decreto-Lei nº 241/2001 de 30 de Agosto: Perfil geral de desempenho profissional do educador de infância e dos professores dos ensinos básicos e secundário;

ANEXOS

Anexo 1: Questionário para Educadoras



INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

Ano letivo 2011/2012



Mestrado Educação Pré-Escolar

Orientador: *Professor Doutor Avelino Bento*

Mestranda: *Catarina Lopes Ferreira*

Questionário às Educadoras de Infância

Sou estudante do Curso Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Portalegre, encontrando-me a realizar um projeto de metodologia de investigação-ação, sobre questões da importância da Expressão Dramática na Educação Pré-Escolar. Assim, elaborei o presente questionário, para obter a sua opinião sobre o tema em si, assim como para perceber como lida com a mesma no seu quotidiano, enquanto profissional da Educação.

Agradeço desde já a sua disponibilidade e colaboração no preenchimento do questionário, garantindo-lhe a maior confidencialidade e anonimato do mesmo.

Nome: _____

Data de preenchimento: __/__/__

1. Durante o seu percurso académico teve aulas de Expressão Dramática?

Sim

☐

Não

☐

1.1 Se sim, que importância teve para si essa formação enquanto profissional?

2. Costuma realizar atividades de expressão dramática na sua prática letiva.

Sim

☐

Não

☐

2.1 Que importância atribuiu à Expressão Dramática na sala de Jardim-de- infância numa escala de 0 a 5. Na régua apresentada envolva por um círculo o valor da sua opinião.

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

3. Quais as principais motivações que a levam a realizar atividades de Expressão Dramática na sua prática letiva?

4. Como realiza as atividades de Expressão Dramática, que material utiliza e quais as suas principais atrações?

5. Na sua opinião, acha que a prática de atividades de Expressão Dramática desenvolvem as crianças?

Sim

☐

Não

☐

5.1 Se respondeu “Sim” na pergunta anterior, em que medida?

6. Quando realiza atividades de Expressão Dramática costuma guiar-se pelas “Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar”?

Sim

☐

Não

☐

7. No menu associado a esta área artístico-educativa que tipo de atividades desenvolve mais?

a) Jogo Dramático Espontâneo ou Jogo Simbólico

b) Jogo Dramático Organizado

c) Jogo Dramático Cinético (sombras, fantoches, máscaras, etc.)

d) Dramatização

D.1. A partir de histórias publicadas

D.2. A partir de histórias inventadas pelas crianças e educadora

e) Mímica

f) Expressão Corporal com narrativa

Anexo 2: Questionário para Encarregados de Educação



INSTITUTO POLITÉCNICO DE PORTALEGRE

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO

Ano letivo 2011/2012



Mestrado Educação Pré-Escolar

Orientador: *Professor Doutor Avelino Bento*

Mestranda: *Catarina Lopes Ferreira*

Questionário aos Encarregados de Educação

Sou estudante do Curso Mestrado em Educação Pré-Escolar da Escola Superior de Educação de Portalegre, encontrando-me a realizar um projeto de metodologia de investigação-ação, sobre questões da importância da Expressão Dramática na Educação Pré-Escolar. Assim, elaborei o presente questionário, para obter a sua opinião sobre o tema em si, assim como para perceber como lida com a mesma no seu quotidiano, enquanto encarregado (a) de educação.

Agradeço desde já a sua disponibilidade e colaboração no preenchimento do questionário, garantindo-lhe a maior confidencialidade e anonimato do mesmo.

A Estagiária :

IDENTIFICAÇÃO:

Género do Encarregado de Educação: Masculino ☐

Feminino ☐

Idade: _____ Habilitações

Académicas _____

Género do Educando (a): Masculino

☐

Feminino

☐

Idade: _____

Questões:

1. O que entende por Jogo/ Dramatização ou, termos genéricos, Expressão Dramática?

2. Acha interessante as crianças praticarem Expressão Dramática no Jardim de Infância?

Se sim, porquê?

3. Assistiu alguma vez a um momento desses, vivido pelo seu educando na sala de Jardim-de Infância? Se sim, como interpretou esse momento?

4. Deixaria a sua criança frequentar um clube de expressão dramática ou de teatro fora do Jardim-de -Infância?

5. Se frequenta, quais são as suas motivações? E a da sua criança?